

LT-126

✓



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

**A (Problemática da) Definição de Língua e Comunidade linguística na
Descrição da Situação linguística de Moçambique**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

018-V

Narciso António Mahumana

Maputo, 2003

LT.126

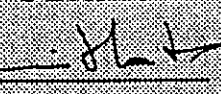
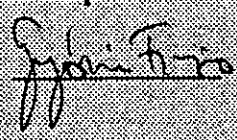
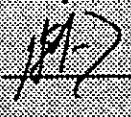
**A (Problemática da) Definição de Língua e Comunidade linguística na
Descrição da Situação linguística de Moçambique**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para
obtenção do grau de Licenciatura em **Linguística** da Universidade Eduardo
Mondlane por **Narciso António Mahumana**

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor: Professor Doutor Gregório Firmino

Maputo, 2003

O Júri			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
			<u>12/12/03</u>

F. LETRAS U.E.M.
R. E. 299 69
DATA 16/12/03
AQUISIÇÃO <u>altera</u>
COTA <u>LT 186</u>

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

DEDICATÓRIA

À memória do meu pai:

“Papá, estudei e continuarei a estudar como você sempre recomendou. Tenho transmitido os mesmos ideais ao seu neto, Narciso Mutema.”

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos da minha aprendizagem escolar e durante a elaboração desta tese, muitas pessoas ajudaram directa e indirectamente para que eu concluísse estas etapas com sucesso. A todas elas endereço os meus sinceros agradecimentos. Destas pessoas, gostaria de mandar agradecimentos especiais:

À minha família, com destaque para a Marta, ao Narciso Mutema e ao Dionísio por todo o apoio que me deu durante a formação.

Ao meu supervisor Professor Doutor Gregório Firmino, por todos os ensinamentos e orientações durante a parte escolar do curso e durante a elaboração desta tese. Inspirei-me tanto nos seus ensinamentos e raciocínios durante a minha formação escolar, de tal sorte que poderei não ter conseguido dissociar-me completamente deles nesta tese.

À minha amiga Liz, pelo apoio moral e material que me deu durante parte da minha formação.

Ao meu amigo Benjamim, por todo o apoio moral e material que me deu durante a minha formação.

Ao Professor Doutor Armindo Ngunga, meu professor de Fonologia e de Linguística Descritiva das Línguas Bantu, por me ter feito acreditar nas minhas capacidades, e por todos os conselhos académicos que me deu durante a minha formação.

Ao Professor Doutor Bento Siteo, meu mentor de Lexicografia, por todos os ensinamentos que directa ou indirectamente contribuíram para o sucesso dos meus estudos.

Ao meu colega de curso, Paliche, pela prontidão com que sempre fez as revisões desta tese.

Aos meus colegas de trabalho no Grupo de Antropologia Linguística, Febby e Walter, por todo o apoio que me deram durante a elaboração desta tese.

Ao meu amigo Reinaldo, pelas revisões desta tese e por sempre se ter predisposto a discutir comigo sobre temas de linguística durante a minha formação.

À minha cunhada Brígida, por ter pacientemente digitado os meus trabalhos do curso, durante os primeiros anos da minha formação, quando ainda era muito difícil ter acesso a um computador.

AGRADECIMENTOS

Publicamente deixo expresso o meu sincero agradecimento às seguintes personalidades:

Aos meus supervisores, Prof. Doutora Perpétua Gonçalves pela exortação à seriedade e responsabilidade nesta investigação e Prof. Doutor Armando Jorge Lopes pela rebusca deste trabalho nos escombros do meu desespero, encorajamento e orientação lhanos.

À solicitude dos chefes do Arquivo Histórico de Moçambique.

À Embaixada de Angola pelas facilidades na indicação de informantes falantes do Kimbundu e disponibilidade expontânea destes.

A todos os meus professores da UEM cuja recordação foi (será) sempre um passo em frente na minha investigação.

Ao meu pai Júlio Mulalene Siteo que me ensinou (ensina) a respeitar os chefes e à minha mãe Emília (Melia) Thandhekiane Siteo que através de contos e metáforas me advertia (adverte) a ser precavido.

Ao meu amigo Noé Manuel Jemusse, funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique, pelos extras ensinamentos no manejo do computador e pela recuperação de partes desta tese naquele "desaparecidas".

A todos quantos me ajudaram e aos que me querem bem.

SUMÁRIO

Esta secção constitui a súpula desta tese. Resumidamente e capítulo por capítulo, vamos apresentar o trabalho nela desenvolvido.

CAPÍTULO I

Este trabalho tem como título "Processos de Importação de Neologismos de Origem Bantu no Português de Moçambique". Neste capítulo, genericamente, fazemos referência à origem do Português e à expansão das Línguas Bantu. Perspectivamos a descrição dos empréstimos linguísticos do Português no seu contacto com as Línguas Bantu que se falam em Moçambique. Na nossa hipótese defendemos a existência de mudanças nos empréstimos que entram para o Português provenientes das Línguas Bantu.

CAPÍTULO II

Neste capítulo apresentamos as teorias sobre os empréstimos linguísticos nos seguintes aspectos: tipologia, estratégias do uso, a integração morfo-sintáctica, a categorização gramatical, a flexão e os critérios definidores da sua integração na língua alvo.

CAPÍTULO III

Nesta secção define-se a metodologia usada para a investigação, nomeadamente, a que se relaciona com as

fontes, recolha e selecção dos dados, bem como com modelo de análise a que se submeteram os dados da amostra.

CAPÍTULO IV

Procede-se neste capítulo e com base nas teorias seleccionadas no capítulo II, à análise dos dados, identificando os "empréstimos totais", os "empréstimos de tipo substituição", os "empréstimos semânticos"; os sons presentes nas Línguas Bantu e ausentes no Português, as discrepâncias entre o Português e as Línguas Bantu no que concerne à flexão e à problemática daí emergente: as Línguas Bantu flexionam o seu léxico prefixalmente e o Português sufixalmente.

CAPÍTULO V

Neste ponto se condensam os resultados mais relevantes da investigação: a comprovação da hipótese, a súpula das constatações, bem assim as recomendações.

O anexo é a compilação dos extractos dos artigos de jornais que retratam os contextos de ocorrência dos elementos lexicais da amostra.

ÍNDICE

	página
Declaração	I
Dedicatória	II
Agradecimentos	III
Sumário	IV
Abreviaturas.....	VI
Índice.....	VII
CAPÍTULO I	
Introdução	
O léxico.....	1
Área de investigação	3
O Português	3
As Línguas Bantu em Moçambique	4
Objectivos e importância do estudo do contacto entre o Português e as Línguas Bantu em Moçambique.....	8
Objecto de estudo.....	9
CAPÍTULO II	
Revisão da literatura	
Os empréstimos lexicais	10
Tipologia dos empréstimos	12
Tradução dos empréstimos	17
Integração morfo-sintáctica dos empréstimos	20
Categoria gramatical dos empréstimos	21
Flexão dos empréstimos	23
Género dos empréstimos	24

Flexão dos empréstimos em número	27
Critérios de integração dos empréstimos no acervo lexical	29
CAPÍTULO III	
Metodologia de investigação	
Constituição do corpus	
Fontes de recolha do corpus	31
Recolha de dados	33
Critério de selecção dos elementos constitutivos do corpus	34
Modelo de Análise do empréstimo lexical	35
Caracterização do Modelo de Análise	36
CAPÍTULO IV	
Análise dos empréstimos lexicais	
Tratamento dos dados	40
Análise dos dados	52
Tipologia dos empréstimos	53
Empréstimos totais	54
Empréstimos de tipo substituição	55
Ausência de som correspondente na Língua Portuguesa	56
Substituição de som por outros motivos	60
Empréstimos semânticos	63
Tradução dos empréstimos	66
Integração morfo-sintáctica dos empréstimos	
no acervo lexical	67
Classe gramatical dos empréstimos	69
Flexão dos empréstimos	71

Flexão dos empréstimos em género	71
Flexão dos empréstimos em número	78
 CAPÍTULO V	
Conclusão	
Considerações finais	
Suporte metodológico	80
Sobre a hipótese deste trabalho	81
Sobre as fontes de recolha de dados	82
Recomendações	83
 A N E X O	
Contexto de ocorrência dos empréstimos da amostra	85
BIBLIOGRAFIA	96

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1 - O LÉXICO

1.0. - Neste ponto tecemos considerações breves e genéricas sobre a problemática do léxico. Ao iniciar esta discussão, numa perspectiva social e técnica, procuramos definir o conceito de léxico. Por fim, tentamos mostrar a sua importância enquanto instrumento de captação, conservação e transmissão do conhecimento.

1.1. - DEFINIÇÃO DO LÉXICO

1.1.0 - Das várias definições que se nos depararam na bibliografia consultada escolhemos aquela que Vilela (1995:13) nos apresenta ao afirmar que o léxico é uma "codificação de um saber partilhado", ou seja, o léxico é um instrumento comunitário. Sem ele a sociedade não existe e vice-versa.

Tecnicamente, "o léxico é uma parte central de qualquer teoria gramatical" Raposo (1992:89).

1.2. - A IMPORTÂNCIA DO LÉXICO

1.2.0. - Enveredando pela mitologia bíblica encontramos que "após o Senhor Deus ter formado a terra, todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres fossem conhecidos

pelos nomes que o homem lhes desse" (GÊNESIS 2,19). Esta asserção apesar de mitológica demonstra a necessidade de designar, de produzir o léxico.

Vilela (1994:14) repete aquela formulação bíblica ao afirmar que "a urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e a exigência de configurar o que de novo surge na comunidade manifestam-se no léxico". É o léxico que permite ao homem conhecer, reter e transmitir as informações sobre a realidade material e conceptual que o circunda.

1.2.1. - Ao estudarmos o léxico verificamos que, por um lado, ele comporta arcaísmos, vocábulos que vão caindo em desuso no falar quotidiano da comunidade linguística e por outro nele emergem neologismos a designar novas realidades e mesmo realidades pre-existentes. É dos neologismos que no nosso trabalho vamos tratar.

Alguns dos neologismos que a seguir vamos apresentar são-no apenas em relação ao Português porque nas línguas de proveniência são vocábulos dicionarizados. Exemplo: "bayete".

Outros neologismos no Português como na língua fonte (LF) são novas criações. Exemplo: "tchungamoio".

Em tudo sobre o que tenhamos dissertado neste ponto ressalta que a faculdade de designar é fundamental para o homem e esta faculdade materializa-se pelo léxico.

2 - ÁREA DE INVESTIGAÇÃO

2.0 - O presente trabalho enquadra-se no âmbito da Linguística Descritiva do Português e na área da Lexicologia.

Sendo esta área extremamente vasta, confinámos a nossa investigação à disciplina ainda maior da Neologia.

Na bifurcação da Neologia em interna e externa, escolhemos a neologia externa da língua, centrando a nossa investigação nos processos de empréstimos lexicais de origem Bantu no Português falado actualmente em Moçambique.

3 - O PORTUGUÊS E AS LÍNGUAS BANTU EM MOÇAMBIQUE

3.1 - O PORTUGUÊS

3.1.0. - Falaremos neste ponto da história do surgimento do Português. Mais adiante abordaremos as posteriores fontes do enriquecimento vocabular desta língua europeia.

3.1.1. - A história documenta que o Português provém do latim vulgar em contacto com as línguas existentes na Península Ibérica (o Celta, o Fenício, etc.) antes da romanização desta península. Outras línguas intervieram para a formação do Português" como o Árabe, línguas europeias e não europeias", Vilela (1994:13).

Desde a sua formação, o Português foi criando palavras recorrendo a processos internos da língua ou a empréstimos lexicais. Neste último processo destacam-se os séculos XV e XVI como sendo os séculos em que, maioritariamente, ocorreram empréstimos latinos e os

séculos XIX e XX os da ocorrência de "empréstimos via desenvolvimento científico e técnico," Vilela (1994:13).

Ainda sobre os empréstimos no Português, Alves (1990:6), refere que "a influência francesa sobre o léxico português manifesta-se desde o século XVIII e foi muito marcante na primeira metade do século XX..."

3.1.2. - Assinale-se que além do léxico resultante do contacto com as línguas do continente europeu, o Português beneficiou também das fontes da sua expansão para o enriquecimento do seu vocabulário. Sobre este aspecto Matos (1963) apud Barbosa (1969:96) aponta que "são três as origens do vocabulário produto da expansão portuguesa: Oriente, África e Brasil" zonas onde também se fala esta língua.

Outro pormenor a acrescentar nesta nossa breve abordagem sobre o Português é que esta língua teve tradição escrita sendo possível analisá-la diacrónica e documentalmente.

3.2. - AS LÍNGUAS BANTU EM MOÇAMBIQUE

3.2.0 - De forma sintética referir-nos-emos à origem da expansão e ao refúgio das Línguas Bantu para destacar algumas que se falam em Moçambique.

Segundo Duarte (1976:4-6-7), "cerca do ano 300 a.C, os Bantu encontravam-se concentrados na zona dos Grandes Lagos de onde partiram mais tarde em três vagas para o sul do equador, à procura de melhores condições de vida. Uma das vagas seguiu para o oriente, atingindo e povoando a

zona costeira; outra foi pelo centro do continente, povoando-o durante a sua migração e a terceira vaga caminhou para o ocidente".

MAPA ILUSTRATIVO DA EXPANSÃO BANTU

Mapa de Balby apud Duarte (1976:6-7)

(adaptado)

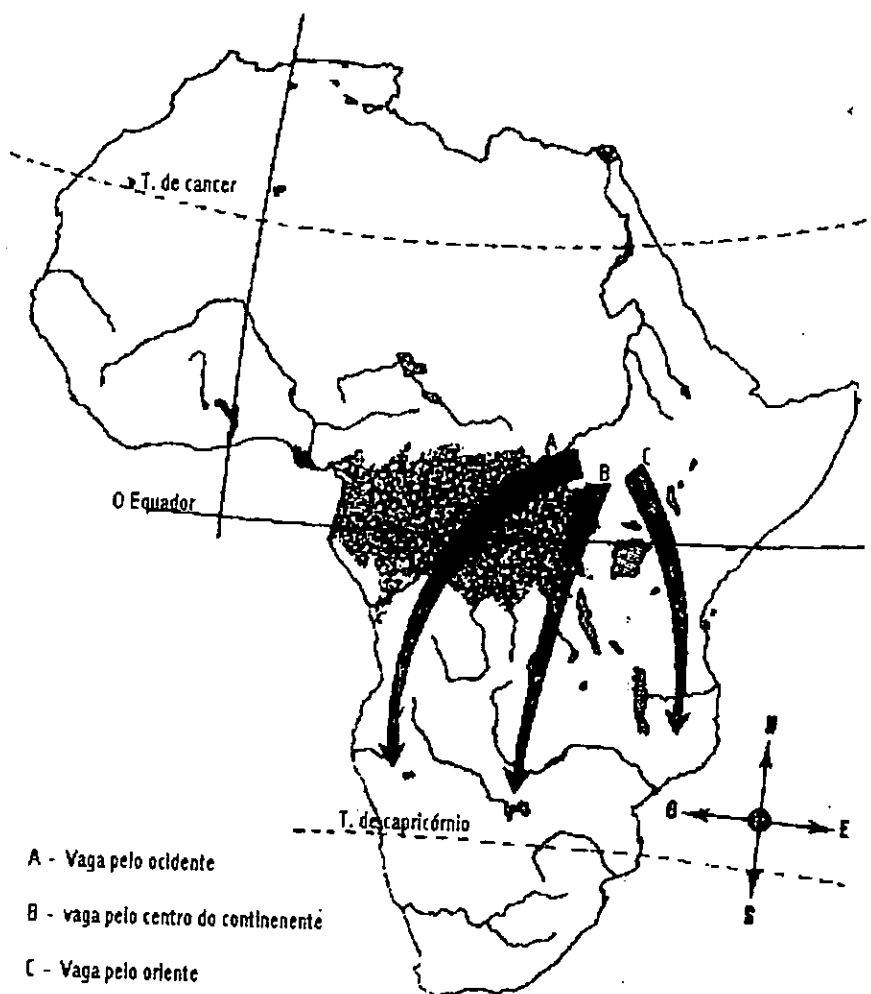


FIGURA 1

Podemos assim afirmar que todo o sul do equador do continente africano foi povoado e influenciado, desde os primórdios da História, pelos falantes das Línguas Bantu, línguas que iam ganhando novas especificidades uma vez dissipado o seu centro com a migração massiva deste povo.

Contam-se, segundo Crystal (1995:314), acima de 500 línguas oriundas do hipotético Proto-Bantu e que actualmente se falam na zona abrangida pela expansão bantu.

No que concerne à alteração linguística do Proto-Bantu, Duarte (1976:8) aventa ainda a hipótese da sua miscegenação com as línguas autóctones das regiões que os migrantes-povoadores bantu iam atingindo e povoando, nomeadamente, as zonas dos povos Khoisan.

O término do avanço Norte-Sul dos Bantu verifica-se, segundo este autor (p.9), por volta dos anos 300-400 (dC) e explicitando o mesmo autor que por estas alturas os Bantu já se tinham estabelecido no Planalto do Transval, na actual República da África do Sul. Neste local emergiu, segundo o mesmo autor (p.12), uma unidade cultural de destaque que originou a formação de três grandes subgrupos linguísticos: o Sutho (subdividido em Sutho do Norte, Tswana e Sutho do Sul), o Nguni e o Thonga (Tsonga). Sendo que "estes dois últimos resultam de migrações a partir do planalto do Transval".

Na posse destes dados e considerando que para além da África do Sul de onde o Tsonga é originário, Siteo (1991:106) afirma que "o Tsonga é uma língua falada em Moçambique e Zimbabwe", podemos referir que a expansão Bantu, do ponto de vista linguístico, não tomou somente o sentido Norte-Sul, mas também casos houve em que ela tomou o sentido inverso (Vide o mapa que se segue).

MAPA ILUSTRATIVO DO MOVIMENTO SUL-NORTE DOS BANTU

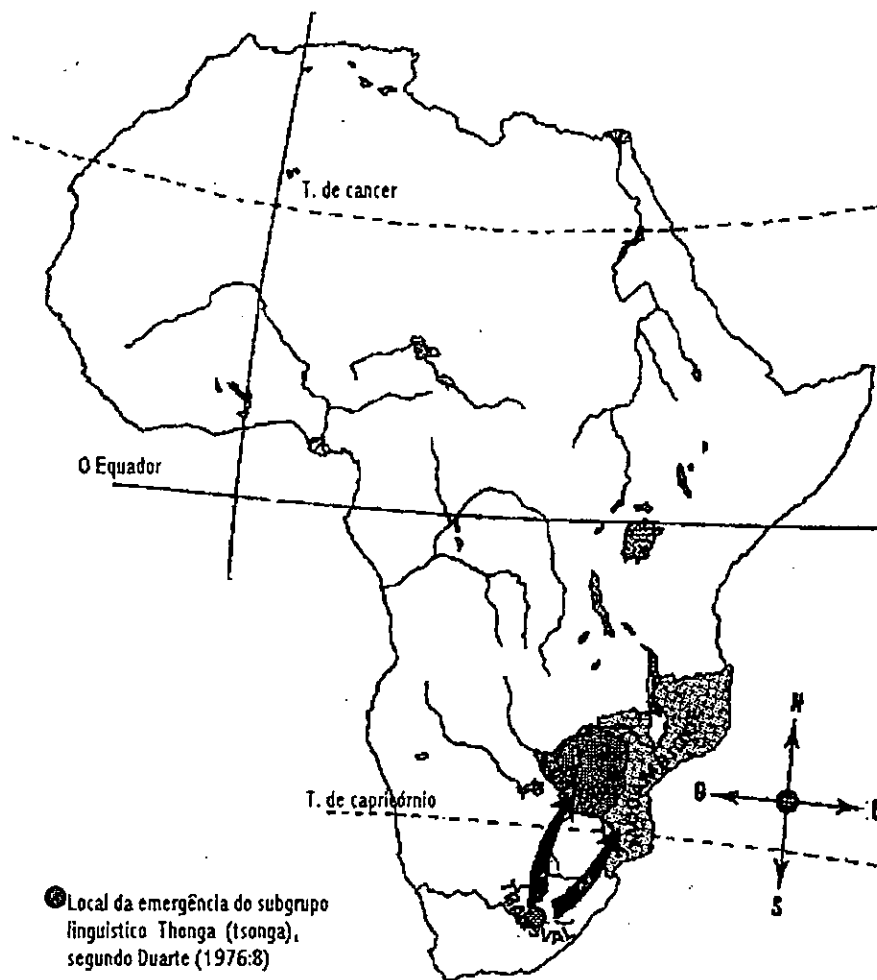


FIGURA 2

3.2.1. Em geral e conforme Duarte (1976:10) verificam-se as seguintes influências linguísticas bantu em Moçambique:

- a) O Bantu Central tem relações com Swahili, Maconde, Macua, Yao e Choipe.
- b) O Bantu Ocidental relaciona-se com o Tsonga.
- c) Nas línguas Bitonga e Choipe notam-se marcas linguísticas dos Bantu primitivos da Costa Oriental.

✓

O autor que citamos faz notar que o Chope, além de se relacionar com o Bantu Oriental, consagra ainda características linguísticas do Bantu Central que provavelmente lhe advieram da migração costeira oriental.

Sobre as Línguas Bantu há ainda a salientar que, embora na sua diversidade se tenham firmado como autónomas, elas não perderam, por completo, as características que as identificam como sendo da mesma origem: a origem Bantu.

Outrossim, apesar de a Língua Bantu ou o hipotético Proto-Bantu existir já antes da nossa era, os estudos ou registos escritos sobre o assunto datam apenas por volta dos finais do século passado, o que dificulta a sua análise.

4 - OBJECTIVOS E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DO CONTACTO ENTRE O PORTUGUÊS E AS LÍNGUAS BANTU EM MOÇAMBIQUE

4.0. - Um "bilinguismo imperfeito" entre, por um lado, o Português e, por outro, as Línguas Bantu que se falam em Moçambique é a situação actual deste país.

Em termos gerais, o nosso trabalho visa contribuir para estudo dos fenómenos linguísticos decorrentes do referido contacto entre o Português e as línguas atrás referidas.

No contacto multilingue de Moçambique "as línguas nacionais" (i.e. não estrangeiras), concorrem para um "bilinguismo imperfeito" conjuntamente com o Português. Assinale-se que esta língua é considerada a língua da

"unidade nacional" e tida como língua franca neste país¹⁹. Tal como explica Barbosa (1969:111), o bilinguismo imperfeito resulta para as línguas em questão "em interferência linguística nos aspectos lexicais, gramaticais, etc.". E é o que observamos no falar quotidiano de Moçambique em que o vocabulário das Línguas Bantu é adoptado pelo Português e vice-versa, enriquecendo os aspectos lexicais das línguas envolvidas neste processo. Assim, Moçambique aparece como um dos pontos de contacto entre o Português e as Línguas Bantu.

Importa assinalar que a adopção do vocabulário de origem Bantu pelo português moçambicano (PM) acentua o distanciamento deste em relação ao Português Europeu.

5 - OBJECTO DE ESTUDO

5.0 - O presente trabalho estuda o processo de formação das palavras do Português de Moçambique via empréstimo nas Línguas Bantu.

Reconhecendo que as estruturas fonémicas, grafémicas e, de certo modo, fónicas do Português diferem das estruturas das Línguas Bantu, formulamos a seguinte hipótese:

OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DE ORIGEM BANTU ENTRAM COM ALTERAÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA.

¹ os conceitos de língua nacional e do estatuto da Língua Portuguesa em Moçambique foram minuciosamente discutidos por Lopes (1997:17-19).

2

Julgamos de interesse não só para os linguistas, mas também para todos os curiosos na matéria, o estudo dos processos decorrentes da adopção dos lexemas bantu pelo Português.

O tratamento da nossa hipótese e dos dados é de carácter qualitativo e as regras formuladas reportam-se aos dados em análise e inferí-las a partir de outros dados não foi o nosso principal propósito. Para tal teria sido necessário, além do estudo sincrónico modesto como este, adicionar uma perspectiva diacrónica ou, pelo menos, promover vários estudos sincrónicos e proceder a comparações. Todavia o nosso trabalho poderá talvez ser tomado como ponto de partida de estudos posteriores.

Colocado de uma outra forma, este trabalho visa procurar sustentar a seguinte afirmação: os empréstimos linguísticos de origem bantu entram com alterações na língua portuguesa. E tentaremos dentro do possível demonstrar as transformações operadas e esclarecer a origem dessas transformações.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

1. OS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

Apresentamos neste capítulo as teorias sobre a neologia via empréstimo. Abordamos conceitos genéricos sobre esta matéria rumo ao nosso objectivo principal: o estudo dos processos de acomodação dos empréstimos lexicais

2

das várias línguas que actualmente se falam em Moçambique no PM.

Definindo o que sejam os empréstimos lexicais Mateus et al (1990:415) explicam e exemplificam o que são os estrangeirismos: "empréstimos são palavras provenientes de outras línguas e adaptadas à nossa língua, como *basquetebol* (inglês: *basketball*), *cavalheiro* (castelhano: *caballero*), *dama* (francês: *dame*) ou *piano* (italiano: *piano*).

A respeito da essência dos empréstimos linguísticos Appel et al (1989:164) asseguram que "é absurdo imaginar uma língua como não adoptando unidades lexicais de outras línguas, tal como nenhuma cultura se desenvolvera inteiramente a partir do zero".

Vilela (1995:61), encarando a problemática dos empréstimos lexicais de origem Bantu no Português, afirma que "estamos perante o respingar de uma norma africana do português que se vai definindo". O mesmo autor (p.64) explica que nesta norma em desenvolvimento "as designações de animais, plantas, cultura, etc., acusam, como é de prever, a sua origem africana".

No tema que abordamos, verificamos, baseando-nos em Vilela (1995:68), que "embora as Línguas Bantu não detenham uma tradição de escrita" possuem um sistema fonológico consistente e muitas vezes diferente do sistema fonológico do Português. Siteo (1991:107), referindo-se ao Tsonga, esclarece que se verificam "fonemas que existem em Tsonga e não existem em Português".

2

Em razão desta disparidade de sistemas fonológicos, ortográficos, etc., Vilela (1995:64) refere que aos empréstimos de origem Bantu dá-se adaptação ao sistema português e, de forma genérica, exemplifica:

(1)	Em Língua Bantu		Em Português
	/ndende/	----->	/dende/
	/nzanzala/	----->	/sanzala/
	/mbondo/	----->	/imbondeiro/

etc.

2. TIPOLOGIA DOS EMPRÉSTIMOS

2.0. - Os empréstimos linguísticos não são uniformes, comportam características diferenciadas. Passamos, em seguida, a discriminar as suas tipologias, recorrendo às classificações definidas por vários autores.

Na nomenclatura de Haugen (1950), citado por Appel et al (1989:164), encontramos a seguinte tipologia:

- a) empréstimos totais "loanwords"
- b) empréstimos de tipo substituição "loan blends" e
- c) empréstimos semânticos "loan shifts".

2.1. - Num caso mais simples o empréstimo integra-se totalmente, isto é, o som e o sentido são importados para a língua alvo, e a este processo Haugen designa de *importação*. Exemplo:

(2) "Um grupo de agentes da Polícia Camarária é acusado de ter espancado a vendedores ambulantes concentrados no tchungamoio do Goto."

DM 27/4/96:2

2

O empréstimo "tchungamoio" na frase acima corporiza, no nosso trabalho, o conceito de um empréstimo total.?

No entanto, discutindo as formas de integração dos neologismos por empréstimo na língua portuguesa, Alves (1990:77) explica que "a incorporação ortográfica da unidade lexical estrangeira no sistema português não constitui uma regra". Adiantando que enquanto uns empréstimos já assimilados integram-se nesta língua sem modificações outros tantos adaptam-se.

2.2. - Na verdade, casos há em que no empréstimo são introduzidas modificações fônicas e grafêmicas para adaptá-lo à língua alvo. Nestes casos encontramos em presença de empréstimos de tipo substituição. Exemplo:

(3) "Nas banjas dos madodas teu preço é afincadamente discutido, contudo não tens voz, tu."

DO 1/2/87:3

Neste exemplo notamos que quando um falante de português importa o lexema Tsonga "b'andla" ['bã^adla] para aquela língua, na base dos princípios defendidos por Haugen (1950), introduz-lhe o som [b] em substituição do som tsonga [b̃] inexistente no Português, acontecendo o mesmo em relação ao som [dl] naquele lexema que passa para [3] pelas mesmas razões.

A respeito dos empréstimos de tipo substituição, Vilela (1994:18) exemplifica que "relativamente aos italianismos existentes no português como "adágio", "aguarela", "burlesco", "caricatura", etc., embora

d

denunciem de forma clara a língua fornecedora, patenteiam uma adaptação completa ao corpo do léxico do português".

Os dados que pudemos recolher mostram esta adaptação, apesar de divergências gráficas e fónicas entre as Línguas Bantu e o Português nestes aspectos. São exemplos desta adaptação os lexemas bantu *mathapa*, *kuphahla* que para o PM passaram respectivamente para *matapa*, palhar;

(4) "Foi uma festa com "matapa", galinha e feijão, contrastando a diversidade de iguarias que inundaram na mesma tarde o palácio presidencial."

DE 25/12/1996:3

(5) "Eu vai também palhar (celebrar missa) no Alvalade"

DESA 8/4/1996:2

Em suma, os empréstimos lexicais de tipo *substituição* revelam uma das formas de integração do estrangeirismo na língua-alvo.

2.3. - Os empréstimos semânticos caracterizam-se pelo facto de a importação incidir somente sobre a significação e em que o sentido representado pelo lexema é o próprio da língua fonte do morfema em aquisição. O exemplo mais elucidativo deste tipo de estrangeirismos julgamos ser o apresentado por Appel et al (1989:165) relativamente ao lexema "skyscraper" com origem no Inglês e que, segundo estes autores, em Alemão foi importado como sendo "wolkenkratzer", em Espanhol "rasca-cielos" e no Francês "gratte-ciel". Podendo nós acrescentar que a mesma palavra

2

no Português é "arranha-céus". Observamos que ao adoptar-se o empréstimo "skyscraper" se procedeu a traduções do seu sentido para as línguas que o integraram no seu acervo lexical. Apresentamos no nosso trabalho um exemplo deste tipo de empréstimos com o lexema "cabritismo" na frase que se segue e cujos detalhes se explanam na discussão dos dados no número 2.1.3.1 do capítulo IV deste mesmo trabalho:

(6) "Numa das cenas, a referida nora aparece comendo pão e salada, sob olhar faminto de uma velha sogra. Mas, esta nora pode ser interpretada como sendo o "cabritismo", que infelizmente continua na moda no país."

DE 25/12/96:3

2.3.1. - Relativamente ao que vimos no número anterior, Alves (1990:64) acrescenta um elemento para a identificação dos neologismos deste tipo ao referir que "em toda criação (lexical) sintagmática está implícita uma criação semântica". Retomaremos o estudo deste assunto no ponto 2.1.3.0 do capítulo IV dedicado à análise dos dados.

A seguir apresentamos um dos empréstimos sintagmáticos registados no nosso corpus:

(7) "Essa comida volta de novo para Maputo, onde é posta à venda nos dumba-nengues".

DM 11/4/1996:3

Neste exemplo o lexema dumba-nengue corporiza uma criação semântica do tipo sintagmático na língua Ronga, contudo não o classificamos como empréstimo semântico neste trabalho.

2

2.4.0. - Vilela (1994:17) apresenta-nos uma outra perspectiva de tratamento dos empréstimos. Refere-se a

- a) empréstimos necessários e
- b) empréstimos de luxo

2.4.1. - Na perspectiva deste autor, são empréstimos necessários os "que configuram conceitos a que não corresponde qualquer palavra existente na língua". O autor exemplifica que na língua portuguesa "acontece com "whisky" e "blue jeans", que designam objectos desconhecidos na língua" (portuguesa). Outro exemplo:

(8) "No lobolo tua libertação é mais uma vez posta em causa."

DO 1/2/87:3

O lexema "lobolo" do Changana, neste exemplo, constitui também na língua portuguesa um empréstimo necessário, uma vez que o Português não possui nem conceito nem designação deste fenómeno.

2.4.2. - Consideram-se, segundo este autor, empréstimos de luxo "os que recobrem conteúdos para os quais a língua importadora possui determinados termos". Para a língua portuguesa o autor apresenta como exemplos os estrangeirismos palace: palácio, timing: calendarização, pattern: padrão, etc.

Relativamente aos neologismos de origem bantu no PM, encontramos os empréstimos de luxo no seguinte exemplo:

(9) "Nas banjas dos Madodas teu preço é afincadamente discutido, contudo não tens voz, tu."

DO 1/2/87:3

2

Os lexemas "banjas" e "madodas" são traduzíveis na língua portuguesa, respectivamente, por "conselhos" e "anciãos", daqui o estatuto de empréstimo de luxo nesta língua.

Em resumo, na discussão que acabamos de desenvolver a respeito dos empréstimos, encontramos três tipologias linguísticas, a saber, "empréstimos totais", "empréstimos de tipo substituição" e "empréstimos semânticos", mais duas que podemos classificá-las de sociais: "empréstimos necessários" e "empréstimos de luxo".

3. TRADUÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

3.0. - Neste número analisaremos as tentativas empreendidas pelo emissor para visualização do sentido veiculado pelo elemento lexical estrangeiro que emprega no seu discurso.

Independentemente da sua tipologia, o empréstimo pode vir traduzido ou não na própria mensagem em que ocorre. A seguir debruçamo-nos sobre o conceito de tradução do empréstimo linguístico.

Alves (1990:76) defende que "ao empregar um estrangeirismo, o emissor é muitas vezes consciente de que ele poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por essa razão, em muitos contextos, a unidade lexical estrangeira é seguida de tradução ou até mesmo de uma definição do seu significado". Exemplos:

(10) "... ileso se tivermos em linha de conta que não se podia considerar má sorte propriamente dita o facto de

metade da lâmina afiada de uma "kavelavela" (faca) ter-lhe penetrado no braço, cuja mão era mais ousada em toda extensão do corpo de Mwana Khárina."

DO 8/3/87:2

11) " Sem demora, apetrechei a minha sacola de alguns produtos alimentares e os meus cinco litros de sura, sumo de palmeira fermentado."

DO 7/6/87:2

O exemplo (10) é demonstrativo de tradução de um empréstimo. Assim ficamos a saber através do próprio emissor da mensagem que "kavelavela" traduz-se por "faca" na língua portuguesa.

No exemplo (11) define-se o neologismo "*sura*" como sendo "*sumo de palmeira fermentado*". Estes processos, segundo esta autora, visam proteger a comunicação entre o utente dos empréstimos e os receptores por ele visados. Siteo (1991:113) sustenta o mesmo princípio referindo que "quaisquer que sejam as circunstâncias do emprego do empréstimo, advogamos o seu uso salvaguardando a inteligibilidade da mensagem a veicular"

3.1. - Apoiando-nos ainda em Alves (1990:76) verificamos que "a evocação de uma outra cultura, por meio da busca do item léxico preciso, faz com que a forma portuguesa seja traduzida pelo elemento estrangeiro correspondente".

Passamos a ilustrar por meio de um exemplo este tipo de estratégia no uso dos empréstimos linguísticos:

d

(12) " Os onze milhões das zonas rurais - bantustões ou farmas, vivem totalmente nas mais piores condições económicas e sociais em pobreza aguda."

DO 17/1/82:3

No exemplo (12) o emissor da mensagem reporta-se à política do apartheid então seguida na República da África do Sul e, ao invocar esta cultura necessitou de termos locais (empréstimos linguísticos) "bantustões" e "farmas" que precisassem a realidade a transmitir. Entretanto, defendendo a inteligibilidade da mensagem do seu texto, recorreu ao processo de tradução na mesma mensagem. Assim ficamos a saber que aquilo que em português são zonas rurais, na então África do Sul designavam-se bantustões (locais para os bantu, gente de raça negra) ou farmas².

Este processo de utilização de empréstimos é crucial quando se pretende visualizar a cultura estrangeira. Tal processo consiste em confrontar as culturas das duas línguas através da metalinguagem.

Resumindo: o que acabamos de estudar revela que a tradução do empréstimo linguístico pode visar:

a) facilitar a compreensão da mensagem apesar de esta conter um novo elemento léxico ou,

b) confrontar as culturas da língua fonte e da língua alvo do empréstimo.

²Grandes extensões de terra de agricultores de raça branca, vulgarmente também conhecidos por *farmeiros*, com abundante mão de obra de raça negra.



α

4. - INTEGRAÇÃO MORFO-SINTÁTICA DOS EMPRÉSTIMOS

4.0 - Quando o empréstimo linguístico entra num determinado idioma pertence a uma classe gramatical específica e constitui um elemento vocabular particular. Deste estágio, o estrangeirismo em causa pode passar a outro, o de formar derivados e compostos. Alves (1990:78) sustenta que "morfossintacticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos".

A utilização deste mecanismo pode exemplificar-se no nosso trabalho pela derivação do verbo "lobolar" a partir do empréstimo "lobolo" de categoria gramatical substantivo:

(13) "Bom... eu sou casado, como também sabes, desde 1981, mas não fui à Conservatória nenhuma oficializar esse casamento. Foi simples amor ardente que até hoje continua imortal que me levou a seguir uma série de trâmites familiares que nos conduzissem a uma união e formámos uma família... Gratificámos ou lobolámos (tudo dá na mesma coisa), por uma soma nada pequena. Mas não é nada disto de dinheiro que me dói."

DO 31/5/87

Assim, podemos considerar que, do ponto de vista de integração morfo-sintática, há empréstimos produtivos e outros não produtivos. Retomaremos esta discussão no ponto do capítulo IV desta tese onde analisaremos os dados da nossa amostra sobre este aspecto linguístico.

5 - CATEGORIA GRAMATICAL DOS EMPRÉSTIMOS

5.0 - Neste ponto analisa-se a prioridade da classe gramatical nos empréstimos linguísticos. Do estudo desenvolvido por Alves (1990:80), esta autora conclui que "da mesma maneira que em outros sistemas linguísticos, os neologismos por empréstimo recebidos pelo português distribuem-se sobretudo entre a classe substantival e, mais raramente, entre adjetivos e verbos". Sobre esta mesma matéria Appel et al (1989:170), referem que Haugen (1950) hierarquizou os empréstimos ingleses no seio de uma população de falantes noruegueses nos Estados Unidos da América que incluía: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, interjeições, etc. e verificou-se que os substantivos eram facilmente cedidos do que os verbos e os verbos mais do que os adjetivos, e assim por diante. Um outro estudo sobre a hierarquização dos empréstimos linguísticos do Espanhol para a língua Quéchuá com base na sua categoria gramatical foi desenvolvido por Muysken (1981), segundo Appel et al (1989:171) o qual resultou na seguinte lista estatística:

[14]	substantivos	221
	verbos	70
	adjetivos	33
	locuções adverbiais	15
	quantificadores	7
	conjunções	6
	preposições	5

interjeições	5
elementos de negação	2
advérbios de modo	1
fórmulas de saudação	1

Do que fica dito ressalta que os três autores que acabamos de citar concordam em que na hierarquização da cedência e recepção dos empréstimos lexicais do ponto de vista da categoria gramatical, os substantivos ocupam o primeiro plano, seguindo-se os verbos e em terceiro lugar os adjectivos, e que as restantes categorias pertencem a um plano secundário.

Não obstante existirem prioridades das classes gramaticais a adoptar aquando da integração dos estrangeirismos, na língua portuguesa, "em geral a base emprestada mantém a classe da língua de que provém", Alves (1990:80). E a mesma autora acrescenta que "em certas ocasiões (a base emprestada) sofre alterações na sua categoria de origem. No nosso trabalho encontramos este tipo de alteração categorial no lexema "nyandayeyo":

(15) "Vim solicitar junto a V. Exa. os bons ofícios no sentido de mandar publicar o meu nyandayeyo."

DE 17/04/1996:14

Neste exemplo, o empréstimo lexical "nyandayeyo" com a categoria gramatical *interjeição* na língua de origem é adoptado com a categoria gramatical *substantivo* no PM.

Retomamos a discussão deste neologismo no ponto 2.4.0. do capítulo IV deste trabalho.

6. FLEXÃO DOS EMPRÉSTIMOS

6.0. - Nos empréstimos lexicais que temos vindo a tratar a língua de chegada é o Português enquanto a fonte destes neologismos são as Línguas Bantu faladas em Moçambique. Para o estudo da flexão deste tipo de itens lexicais do nosso trabalho atentemos à morfologia da língua de chegada e à das línguas de partida.

Da morfologia portuguesa tratam detalhadamente Mateus et al (1990:413 e seguintes) e estas autoras defendem que na língua portuguesa a flexão é sufixal quer em género, quer em número. Explicam ainda as mesmas autoras (p.443) que estes "sufixos de flexão são sensíveis à categoria sintáctica da base" a que se juntam, "mas nunca a alteram". Podemos referir ainda que a flexão nesta língua, essencialmente, realiza-se através dos morfemas respectivos, sendo que, algumas vezes, o género pode flexionar-se lexicalmente. Exemplo:

homem/mulher.

No que respeita às Línguas Bantu, a flexão em número e pessoas gramaticais está acometida aos prefixos de classe, ocorrendo, por isto, à esquerda da base do lexema. Ngunga (1989:4-5) discutindo os critérios da distribuição dos nomes (substantivos) em classes nas Línguas Bantu, através dos prefixos de classe e tomando como exemplo o Yao (uma língua bantu), apresenta exemplos elucidativos sobre a

d

posição da flexão nominal no que concerne ao número nestas línguas:

(16)

YAO	INGLÊS	PORTUGUÊS
[1] <u>mu</u> - ndu (classe 1)	"person"	"pessoa"
[2] <u>wa</u> - ndu (classe 2)	"people "	"pessoas"
[3] <u>ci</u> - ndu (classe 7)	"thing"	"coisa"
[4] <u>yi</u> - ndu (classe 8)	"things"	"coisas"
[15] <u>ci</u> - juni (classe 7)	"bird"	"pássaro"
[16] <u>yi</u> - juni (classe 8)	"birds"	"pássaros"

Do que fica dito concluímos que a flexão na Língua Portuguesa ocorre sempre à direita da base do lexema, mas nas Línguas Bantu dá-se o inverso.

6.1. - GÉNERO DOS EMPRÉSTIMOS

6.1.0. - Relativamente a esta categoria gramatical, Alves (1990:81) explica que "a unidade léxica recebida por empréstimo tende a flexionar-se de acordo com o género do idioma doador". Perante esta constatação esperaríamos um caos no que respeita ao género dos empréstimos lexicais de origem bantu no PM, uma vez que nas línguas bantu, a determinação do género não é forte. Tenta resolver esta situação a mesma autora ao adiantar que "nos casos em que o elemento estrangeiro provém de idioma em que não há flexão em género, como Inglês, o item lexical emprestado costuma adoptar o género masculino, o não marcado". Mas os dados de que dispomos relativos aos empréstimos de origem Bantu não.

d

revelam o que o autor acaba de afirmar, como veremos mais adiante na secção 6.1.2. neste mesmo capítulo.

6.1.1. - A autora que citamos argumenta ainda que "pode também ocorrer a concordância em género com o equivalente português da unidade léxica emprestada". Temos um exemplo deste tipo na seguinte passagem:

(17) "Na rua onde vivo, vive também um cão que tem vindo a fazer histórias, principalmente junto dos miúdos do quarteirão. Latilha que se farta, sempre que dele se aproxima um "mufana" (=garoto)"

DO 18/1/87:3

O lexema bantu "mufana" designativo de garoto, tem o morfema terminal [a]. Todavia é classificado como -FEM, o que leva a crer que o sentimento de atribuição deste género adveio-lhe do seu equivalente (garoto) em Português.

6.1.2 - Sobre o conceito de género e no que respeita às línguas bantu, Júnior (sd:518), tecendo considerações nas línguas Yao, Cisena, Nyungwe, Echwabu, Chintsenga e Nyanja, refere que "nas línguas bântus (Línguas Bantu) não há, propriamente falando, distinção para o género masculino e feminino, contentando-se para isso com o acrescentar ao nome do animal as palavras *imuna* (macho) e *ikasi* (fêmea)". E mais adiante o mesmo autor acrescenta que "existe contudo um número insignificante de palavras que indicam exclusivamente o macho ou fêmea. Por exemplo: *vurume* (carneiro) e *bira* (ovelha)".

Pelas razões atrás expostas podemos referir que, relativamente aos empréstimos de origem Bantu no PM, quanto ao género as fronteiras tornam-se difíceis de definir. Mavimbe (1995:56), usando os morfemas terminais dos empréstimos lexicais de origem Bantu, tentou sem sucesso definir os mecanismos de atribuição do seu género.

Pois, lexemas bantu há terminados por [a] que, entretanto vão para o masculino, como no exemplo que se segue:

(18) "... a ideia foi pegando na mente de muitos e um outro (indivíduo) alvitrou que a "Dona Matilida" tinha um "xivatsanguana"³ de se lhe tirar o chapéu."

DO 22/11/87:2

Retomando a discussão, verifica-se que os morfemas terminais das palavras não têm definido com rigor o género, mesmo em relação aos lexemas já dicionarizados no Português Europeu: mapa, lexema, colega, dia, etc. são exemplo desta asserção.

Resumindo: todos os substantivos portugueses são marcados com o clasema [+/-FEMININO], geralmente denunciado por morfemas terminais, mas em Línguas Bantu o género é muito fraco e os morfemas terminais nunca o determinam.

³Um tipo de cerveja de fabrico caseiro no Sul de Moçambique.

6.2. - FLEXÃO DOS EMPRÉSTIMOS EM NÚMERO

6.2.0. - Este ponto pretende estudar o tratamento dado aos estrangeirismos adoptados pelo Português em relação aos classemas [+/-SINGULAR].

Verificamos que, geralmente, nas diversas línguas, a flexão em número revela disparidades no que respeita aos marcadores e posição da ocorrência destes, tal como acontece com a flexão em género. Alves (1990:81) explica que "os estrangeirismos da imprensa brasileira seguem, em geral, a flexão em número da língua de que procedem" e exemplifica:

(19) "Na curta viagem que fará a Londres com governador Moreira, o Secretário do planeamento, V. Cabral, vai tentar buscar capital junto aos *bussinessmen* ingleses para concretizar negócios".

A autora faz notar que o empréstimo *bussinessmen* se flexiona em número segundo o modelo gramatical do Inglês. E a autora (p. 81) afirma ainda que "os empréstimos adaptados ao Português tendem a flexionar-se, quanto ao número, de acordo com as regras da morfologia portuguesa".

Júnior (s/d:518) referiu-se sucintamente à questão do número nas Línguas Bantu considerando que "há dois (números) nas línguas *cafreaís*⁴: singular e plural, que se distinguem, não variando a terminação da palavra, como sucede nas nossas línguas, mas pela adição de prefixos".

⁴Conforme o autor referindo-se às Línguas Bantu.

6.2.1. - Relativamente à posição da flexão verbal nas Línguas Bantu, Ribeiro (1965:230) alude que "o número e a pessoa são indicados não por meio de **desinências** (zona sufixal do radical) mas sim pelos pronomes pessoais conectivos **antepostos** (zona prefixal do radical) a cada tempo" e este autor (p.248) exemplifica com o Changana:

(20) "Verbo ku vona - **ver** na forma activa afirmativa

<u>ndzi</u> vona	eu <u>vejo</u>
<u>u</u> vona	tu <u>vês</u>
<u>a</u> vona	ele ou ela <u>vê 0</u>
<u>hi</u> vona	nós <u>vemos</u>
<u>mi</u> vona	vós <u>vedes</u>
<u>va</u> vona	eles ou elas <u>vêem</u> "

Nogueira (1959:23) também abordou esta questão da flexão verbal das Línguas Bantu. Defende que no verbo, "em Português, a flexão de pessoa e número faz-se no fim do radical pela aposição das desinências pessoais; em Ronga, faz-se no início do radical pela aposição dos **prefixos** pessoais". E dá os seguintes exemplos:

(21) compr - o	:	ndji - xaba
compr - as	:	u - xaba
compr - a	:	a - xaba
compr - amos	:	hi - xaba
compr - ais	:	mi - xaba
compr - am	:	ba - xava

EM RESUMO: Quanto à flexão em número dos empréstimos

2

no Português verificamos o seguinte:

a) o Português do Brasil toma em consideração a flexão da língua de origem do estrangeirismo e

b) o Português Europeu⁵ submete o empréstimo a flexionar-se conforme as regras da morfologia portuguesa da variação em número.

A discussão das discrepâncias quanto ao gênero e à zona de flexão no radical que se verificam entre a Língua portuguesa e as Línguas Bantu será retomada no capítulo IV, número 2.5., onde tentaremos detalhá-las e mostrar as suas implicações nos empréstimos lexicais de origem bantu do Português.

7. - CRITÉRIO DE INTEGRAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS NO ACERVO LEXICAL

7.0. - Neste ponto definem-se os critérios usados para considerar um certo empréstimo linguístico, elemento vocabular do idioma hospedeiro.

Alves (1990:77) explicita que "enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma". E acrescenta que "o emprego frequente de um estrangeirismo constitui também um critério para que essa forma estrangeira seja considerada parte componente do acervo lexical português" e mais explica esta autora que a comunidade linguística é que decide sobre a adoção da nova

⁵Norma de referência a que, habitualmente, se alude em Moçambique.

palavra no idioma, através do já referido *uso frequente do neologismo*.

O estágio mais alto que o empréstimo lexical pode atingir na língua hospedeira é a sua inserção nas obras lexicográficas. Enquanto isso não se verifica é costume, segundo esta autora (p.83), o emissor acautelar os receptores da mensagem sobre a presença de inovações léxicas (empréstimos, etc.) por meio de processos visuais como aspas, o itálico, ou a precedência do empréstimo pelas expressões "chamados", "ditos", "vulgos".

Embora não estejam legitimados pelos dicionários, muitos empréstimos do PM provenientes das Línguas Bantu podem-se considerar como fazendo parte do vocabulário do Português devido ao seu uso frequente no quotidiano do falar moçambicano. Entre vários empréstimos com este estatuto no PM exemplificamos com o lexema "*machamba*":

(22) "Somos convidados a visitar a aldeia recém-construída. As casas são de pau-a-pique. À volta começam a despontar pequenas machambas de mandioca."

DO 2/8/87:2

(23) "Era Faustino, à margem dos seus irmãos mais velhos, que decidia sobre o gado e sobre os produtos das machambas da família, coordenando, claro, com o pai."

DO 19/7/87:2

Este empréstimo regista um número de ocorrências considerável que no PM lhe confere o estatuto de elemento integrante do seu vocabulário.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

1 - CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

1.1. - FONTES DE RECOLHA DO CORPUS

1.1.0 - Para um trabalho deste género, os jornais mostram-se fontes apropriadas para recolha dos neologismos. É nos jornais onde se busca informação de espécie diversificada. Segundo Alves (1990:6), "é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos têm oportunidade de serem conhecidos e de serem difundidos".

Em obediência a este princípio e pelas vantagens que julgamos nisso existir, possibilidade de se trabalhar em laboratório fixo e outras, recorreremos aos jornais.

Os elementos constitutivos do corpus do nosso trabalho foram essencialmente recolhidos do jornal "Domingo" (DO). Além deste meio de comunicação social utilizámos, como fontes complementares de recolha de dados, os jornais "Demos" (DE), "Desafio" (DESA) e "Diário de Moçambique" (DM).

Numa breve caracterização das nossas fontes e de critérios da sua escolha podemos referir o seguinte.

1.1.1. - O jornal "Domingo" é um semanário publicado na cidade do Maputo e cuja edição coincide com o primeiro

dia da semana. Trata de temas diversificados atinentes à comunicação social. A escolha deste jornal como fonte principal de recolha do corpus foi nos ditada pelo seu dia de edição, Domingo, quando os leitores dispõem de mais tempo de lazer, altura própria para ler. Assinalamos ainda que neste dia da semana no país não se edita nenhum outro jornal. Estas particularidades julgamos conferirem a este semanário um estatuto privilegiado de um meio de comunicação social para maior divulgação dos neologismos entre os leitores.

1.1.2. - "Demos" é também um semanário publicado na capital da República de Moçambique. É um meio de comunicação social de carácter político e sai às quartas-feiras.

1.1.3 - O primeiro jornal de imprensa escrita, após a independência, exclusivamente dedicado ao desporto no país é "Desafio", o *semanário de todos os desportos*, segundo o editor. Publica-se nas segundas-feiras na cidade do Maputo.

Ao examinarmos, para a recolha de dados, alguns números dos jornais "Demos" e "Desafio" procurámos verificar, cientes dos objectivos destes dois meios de comunicação social - **política e desporto**, se neles ocorreriam ou não os neologismos de origem Bantu e sendo nossa expectativa que se isso se observasse, os adeptos destas duas áreas seriam alvos da divulgação deste tipo de neologismos.

1.1.4 - "Diário de Moçambique" é um outro jornal de grande circulação no país, veiculando informação diversificada. Edita-se na cidade da Beira e sai todos os dias excepto aos domingos. Quanto à selecção deste jornal para nossa fonte de dados, norteou-nos o afastamento do local da sua publicação em relação aos outros jornais. Quisemos com este meio de comunicação social constatar se as línguas de proveniência dos neologismos bantu no PM seriam as mesmas ou diferentes das dos neologismos divulgados nos jornais da cidade do Maputo, resultado que apresentaremos no capítulo das conclusões deste trabalho.

1.2 - RECOLHA DE DADOS

1.2.0 - Usando as fontes que acabamos de referenciar, procedemos ao levantamento dos neologismos de origem Bantu no PM no jornal "Domingo" de dois anos espaçados por cinco anos, ou sejam, unidades deste jornal dos anos de 1982 e de 1987. Este espaçamento visava, primeiro, testar a ocorrência repetitiva dos empréstimos e, segundo, verificar também a adopção de novos lexemas bantu para designar possíveis novas realidades.

Quanto à primeira hipótese notou-se que este jornal no ano de 1982 se abstinha de mencionar nas páginas escolhidas para a nossa investigação neologismos de raiz bantu, sendo muito reduzido o número dos empréstimos desta espécie por nós recenseados. Deste modo, as duas hipóteses atrás formuladas mostraram-se enfraquecidas. O grande afluxo de empréstimos lexicais de origem bantu no jornal em referência verifica-se no ano de 1987.

Pareceu-nos ao longo da nossa pesquisa que "inicialmente o neologismo é de uso interno". Em obediência a esta lógica fizemos incidir selectivamente a nossa recolha sobre as páginas dois e três do referido semanário "Domingo". Estas páginas reservam-se para notícias e/ou divulgação de literatura nacionais onde em 52 números de 1982 e 51 de 1987 deste semanário coligimos 57 (cinquenta e sete) neologismos de origem bantu.

Nos restantes três jornais, Demos, Desafio e Diário de Moçambique, examinámos aleatoriamente alguns números do ano de 1996 num total global de 17 unidades. Nesta pesquisa assinalámos nove (9) neologismos de origem bantu.

1.3. - CRITÉRIO DE SELECÇÃO DOS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO CORPUS

1.3.0. - Dos sessenta e seis (66) neologismos colectados, e para não tornar fastidioso o nosso trabalho, elegemos vinte e um (21) lexemas para análise. Tomámos, gradativamente, como critério para esta eleição a diversidade da língua de origem do neologismo, as mudanças fonológicas ou morfo-sintácticas do lexema tomado como empréstimo e, finalmente, a frequência do neologismo na recolha do corpus.

No que concerne à diversidade da língua de origem dos neologismos optámos por abarçar todas as línguas de sua proveniência.

As mudanças linguísticas consideráveis aquando da entrada do neologismo para o PM fizeram com que empréstimos

α

provenientes de uma mesma língua bantu tivessem de ser integrados no corpus para discussão no nosso trabalho.

A ocorrência repetitiva do empréstimo foi outro factor determinante para a escolha dos elementos do nosso corpus por considerarmos tais lexemas como sendo já parte do vocabulário normal do PM.

Julgamos com estes três critérios termos seleccionado elementos de interesse para este trabalho.

2 - MODELO DE ANÁLISE DO EMPRÉSTIMO LEXICAL

2.0. - Este item caracteriza os empréstimos linguísticos e comporta oito itens que julgamos mais pertinentes para o enfoque do nosso estudo.

A seguir apresentamos os itens em que se enquadrarão os empréstimos estudar.

- a) entrada lexical
- b) classe lexical
- c) significado
- d) língua de origem
- e) frequência
- f) tipologia do empréstimo
- g) classemas
- h) mudanças fonológicas

3 - CARACTERIZAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

3.0. - O presente modelo e segundo Mavimbe (1995:33), foi proposto inicialmente por Machungo (1991:5) com os itens a), b) e c). Mavimbe (1995) alargou-o até à alínea

e), acrescentando-lhe duas unidades de análise, e, para o adequarmos ao tipo de análise que nos propusemos realizar, foram-lhe acrescentados os itens f), g) e h).

Consideremos, então, os vários itens, um por um:

a) **entrada lexical**

Este item, na perspectiva de Vilela (1995:13-14), refere-se à palavra que aparece como registada na recolha ordenada dos vocábulos de uma língua. Sinteticamente os lexicólogos designam as entradas lexicais de *lexemas*.

Para o nosso trabalho, pois, **entrada lexical** refere-se ao neologismo por empréstimo na Língua Bantu para o Português de Moçambique.

O lexema *milando* é o exemplo da entrada lexical designada pela letra M neste trabalho.

Os empréstimos neste trabalho registámo-los em letras maiúsculas e encontram-se sequencialmente indicados pela ordem alfabética de A a U, no capítulo IV ponto 1. Sendo as entradas lexicais palavras variáveis, nomes e verbos, figurarão no singular e infinitivo, respectivamente.

A hierarquia dos empréstimos neste trabalho tem a sequência categorial substantivo, verbo e outras. Isto significa que nos casos em que o mesmo neologismo se presente, simultaneamente, sob forma de nome, verbo e outra categoria gramatical, consideraremos como **entrada lexical** a categoria substantivo; entre o verbo e outras categorias tem precedência o verbo.

2

E naqueles outros casos em que o mesmo empréstimo na recolha de dados se configurou sob mais do que uma forma e substantivo, como na entrada lexical D: **candong** e **candongueiro**, recorreremos aos conceitos da Lexemática que, conforme Vilela (1994:35), defendem a existência de lexemas primários e secundários e em que estes últimos se afirmam procederem dos mecanismos derivacionais a partir dos lexemas primários. Nestas circunstâncias a entrada lexical que iremos considerar é a do lexema primário e no exemplo atrás descrito a palavra **candong**.

Contudo, todos os contextos e formas em que o empréstimo tiver sido recenseado serão apresentados no anexo I.

Assinalamos ainda que a forma em que o neologismo se há-de apresentar neste trabalho será a do PM. Também se indicará a sua forma na língua de origem (LO), bem como as respectivas transcrições fonéticas nas duas línguas.

Quanto à ortografia das Línguas Bantu será a estabelecida no Relatório do Primeiro Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, Nelimo (1989).

b) Classe Lexical

A morfologia de uma Gramática Tradicional agrupa os lexemas em classes, nomeadamente, substantivos, pronomes, verbos, adjectivos, interjeições, etc. A cada um destes grupos designamos no nosso trabalho de classe lexical, "um conjunto constituído pelos lexemas que se encontram

organizados por um traço comum de conteúdo" Vilela(1994:33). Exemplo: O lexema "bayete" comporta a classe lexical de *interjeição*.

c) Significado

A interpretação dos contextos em que os empréstimos ocorreram dar-nos-á o significado da entrada lexical no PM.

Porém contextos houve que se nos afiguraram opacos para o entendimento do significado dos empréstimos neles ocorridos e cuja LO não era o Tsonga. Para estes recorreremos ao inquérito linguístico escrito para decifrar o significado do neologismo.

Os empréstimos de origem tsonga não careceram de inquérito por esta ser a nossa língua materna. Onde a interpretação de certos aspectos relacionados com os lexemas da amostra o exigiu, recorreremos aos informantes para dissipar as dúvidas, por exemplo, no que concerne ao género.

Em geral, apresentaremos apenas o significado idiomático, mas onde não houver coincidência entre o significado literal e o idiomático do empréstimo, figurarão os dois.

d) Língua de Origem

Nesta alínea identificar-se-á a língua de que é originário o empréstimo lexical em análise. Exemplo: *dumbanengue* tem como língua de origem o Ronga.

e) Frequência

Este item respeita ao número de vezes que o neologismo foi recenseado na recolha do corpus deste trabalho. Exemplo: o neologismo "xicadju", tendo sido registado apenas uma vez, a sua frequência é de : *uma ocorrência*.

f) Tipologia do Empréstimo

Nesta alínea classificaremos o neologismo sob o ponto de vista linguístico. Verificaremos se se trata de um *empréstimo total*, *substituição* ou de um *empréstimo semântico*. No que concerne ao aspecto extralinguístico: *empréstimo necessário* e *empréstimo de luxo*, foi-nos difícil demarcar as fronteiras destes conceitos nos empréstimos da amostra. Pois, sempre que determinado emissor empregou o empréstimo notamos a necessidade do emprego de tal lexema; foram poucos os casos em que julgamos descortinar a existência de um lexema bantu com correspondente exacto na Língua Portuguesa.

g) Classemas

Baseando-nos em Vilela (1994:34) tomaremos os classemas como sendo "os traços comuns a toda uma série de lexemas e factores de uniformidade lexical e gramatical em relação ao comportamento dos lexemas". Assim distinguimos dois tipos de classemas: aqueles que se relacionam com os nomes e os que respeitam aos verbos.

Os nomes comportam os classemas [+/-animado], [+/-humano], [+/-feminino], [+/-abstracto], etc. e os traços

sintácticos relativos aos verbos distinguem-se em [+/- transitivo] e quanto ao seu argumento externo em [+/- material], [+/-contínuo] e o argumento interno do verbo pode ser [+/-complemento directo obrigatório], Vilela (1994:34).

Neste trabalho referir-nos-emos somente, para os nomes, aos traços [+/-feminino], [+/-humano] e [+/-animado] e para os verbos aos traços [+/-transitivo].

h) Mudanças Fonológicas

Mostraremos neste ítem as presenças ou ausências das mudanças fonológicas verificadas aquando da adopção dos lexemas bantu pelo Português de Moçambique.

(24) Exemplo:

L O	P M
/b'angala/	/bangala/
/b'/	-----> /b/
[b]	[b]

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

1 - Tratamento dos dados

1.0 - A seguir indicamos o tratamento a que procedemos aos empréstimos lexicais que constituem a nossa base de dados, conforme o Modelo de Análise e sua caracterização projectados no Capítulo III, ponto 2 e 3 deste trabalho.

Julgamos com este ítem poder identificar o neologismo nos seus vários aspectos a que nos propusemos analisar.

A. - BANJA

LO

PM

/b'andla/

/banja/

['bãⁿdla]

[bã³a]

- / a) Classe Lexical: [+substantivo]
- / b) Significado: conselho de anciãos
- / c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [+FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: /b'/ ---> / b /; / dl / ---> / j /
- / g) Tipologia do Empréstimo: substituição

B. - BAYETE!

LO

PM

/b'ayete/

/bayete/

[b̃a'jeti]

[ba'jeti]

- a) Classe Lexical: [+interjeição de saudação]
- b) Significado: salve! ; viva!
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: 0
- f) Mudanças Fonológicas: /b'/ ---> / b /
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

C. - CABRITISMO

LO

PM

(Vide provérbio em 2.1.3.1 capítulo IV) /cabritismo/

[kabʁi'tizmu]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: alta corrupção material dos funcionários
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [-FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo semântico.

D. - CANDONGA

LO

PM

/kandong/

/candongga/

[ka^hndɔŋg]

[ka^hndɔŋga]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: contrabando de géneros alimentícios.
Sentido figurado: lisonja; afagos fingidos (1) dicionário Lello (1969:201)
- c) Língua de Origem: Kimbundu
- d) Frequência: 6 ocorrências
- e) Classemas: [+FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0 ---> /a/
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

E. - CAPULANA

LO

/kapulana/

[kapuˈlana]

PM

/capulana/

[kɛpuˈlana]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: peça de vestuário constituída por um pano que as mulheres usam da cintura aos pés.
- c) Língua de Origem: Ronga
- d) Frequência: 2 ocorrências
- e) Classemas: [+FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

F. - CHIMA

LÓ

/xima/

[ˈxima]

PM

/chima/

[ˈxima]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: papa de farinha de milho, mapira, machoeira, mandioca, etc.
- c) Língua de Origem: Várias, entre elas, Emakhuwa, Nyungwe Sena, etc.
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [+FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

G. - DUMBA-NENGUE

LO

/dumba-nenge/

[du^mba'nɛŋge]

PM

/dumba-nenge/

[du^mba'nɛŋge]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: **literal**: confia-perna; **idiomático**: mercado informal
- c) Língua de Origem: Ronga
- d) Frequência: 3 ocorrências
- e) Classemas: [-FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

H. - KAVELAVELA

LO

/kavelavela/

[ka^vɛ'la^vɛla]

PM

/kavelavela/

[kave'levela]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: faca ; navalha
- c) Língua de Origem: Emakhuwa
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [+FEM]; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: /v / [v] ---> /v/[v]
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

I. - LOBOLO

LO

PM

/lovolo/

/lobolo/

[lɔ'vɔlɔ]

[lo'bolu]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: preço que a família do noivo paga à família da noiva para a oficialização do casamento destes.
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 2 ocorrências
- e) Classemas: [-FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: /v/[v] ---> /v/[b]
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

J. - MACHAMBA

LO

PM

/mashamba/

/machamba/

[ma'ʃa^mba]

[ma'ʃa^mba]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: campo agrícola
- c) Língua de Origem: Swahili
- d) Frequência: 6 ocorrências
- e) Classemas: [+FEM]; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

K. - MADALA

LO

PM

/madala/

/madala/

[ma'dala]

[ma'dala]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: pessoa idosa; pessoa prestigiada
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 5 ocorrências
- e) Classemas: [-FEM]; [+HUMANO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

L. - MARRABENTA

LO

PM

/marabenta/

/marrabenta/

[mara'beⁿta]

[maRa'beⁿta]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: tipo de dança do Sul de Moçambique acompanhada com violas
- c) Língua de Origem: Ronga
- d) Frequência: 7 ocorrências
- e) Classemas: [+FEM]; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

M. - MILANDO

LO

/minandzu/

[mi'naⁿdzu]

PM

/milando/

[mi'lãdu]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: imbróglio
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [-FEM]; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: /n/-->/l/; /dz/-->/d/; /u/-->/o/.
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

N. - MUFANA

LO

/mufana/

[mu'fana]

PM

/mufana/

[mu'fana]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: garoto
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 3 ocorrências
- e) Classemas: [-FEM]; [+HUMANO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

O. - NTHIPWE

LO

/ntthipwe/

['nt^hip^we]

PM

/nthipwe/

['nt^hip^we]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: (segundo o texto de ocorrência) festa popular alusiva à cerimônia mais sublime dos ritos de iniciação de mulheres; (segundo informantes) (também) dança originalmente Emakhuwa destinada a esconjurar as calamidades naturais, especialmente secas prolongadas.
- c) Língua de Origem: Emakhuwa
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [-FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: /tt/ ---> /t/
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

P. - NYANDAYEYO!

LO

PM

/nyandhayeyo/

/nyandayeyo/

[nã^ad^ha'jəjɔ]

[nãda'jəju]

- a) Classe Lexical: [+ interjeição de pedido de socorro]
- b) Significado: aqui-del-rei!
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: 0
- f) Mudanças Fonológicas: [+ASPIRADO] ---> [-ASPIRADO]
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

Q. - PALHAR

LO

PM

/kuphahla/

/palhar/

[ku'p^hãta]

[pa'ɫaɾ]

- a) Classe Lexical: [+verbo]
- b) Significado: esconjurar; rezar
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [+/-transitivo]
- f) Mudanças Fonológicas: /hl/ ---> /lh/;
[+ASPIRADO] ---> [-ASPIRADO]
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

R. - SURA

LO	PM
/sura/	/sura/
[ˈsuɾa]	[ˈsuɾa]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: sumo de palmeira; bebida extraída da palmeira
- c) Língua de Origem: Guitonga
- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [+FEM]; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

S. - TCHUNGAMOIO

LO	PM
/chungã-moyo/	/tchungamoio/
[tʃʰuŋgaˈmɔjɔ]	[tʃʰuŋgaˈmɔjɔ]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]

- b) Significado: literal: aperte-corção; idiomático: mercado informal
- c) Língua de Origem: Ndau
- d) Frequência: 2 ocorrências
- e) Classemas: [-FEM]; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total

T. - TXOVA-XITADUMA

LO

PM

/chova-xitaduma/

/txova-xitaduma/

[ˈtʃɔvafitaˈduma]

[ˈtʃɔvafitaˈduma]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: literal: empurre que pegará; idiomático: carroça de tracção humana
- c) Língua de Origem: Changana
- d) Frequência: 6 ocorrências
- e) Classemas: [-FEM] [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: [+ASPIRADO] ---> [-ASPIRADO]
- g) Tipologia do Empréstimo: substituição

U. - XICADJU

LO

PM

/xikaju/

/xicadju/

[ʃiˈkadʒu]

[ʃiˈkadʒu]

- a) Classe Lexical: [+substantivo]
- b) Significado: sumo de cajú
- c) Língua de Origem: Ronga

- d) Frequência: 1 ocorrência
- e) Classemas: [-FEM] ; [-ANIMADO]
- f) Mudanças Fonológicas: 0
- g) Tipologia do Empréstimo: empréstimo total.

Em resumo : Referir-nos-emos às línguas de origem assim como ao número dos empréstimos provenientes de cada uma delas.

Em ordem alfabética, a conferência dos dados fornece-nos a seguinte lista:

Changana (S53)	10 unidades
Emakhuwa (P31)	2 unidades
Guitonga (S62)	1 unidade
Kimbundu (H21)	1 unidade
Ndau (S10)	1 unidade
Ronga (S54)	4 unidades
Swahili (G42)	1 unidade

O Changana aparenta possuir maior quantidade de empréstimos nesta amostra. Poderá isto não corresponder totalmente à verdade, uma vez que esses lexemas, na maioria dos casos, tanto pertencem a esta língua como ao Ronga ou ainda ao Tshwa. Este facto observa-se também em relação ao empréstimo "chima"; não lhe conseguimos determinar uma única língua de origem. Como cada língua que o usa lhe atribui uma realização fonética diferente, privilegiamos a pronúncia do PM para todos os casos.

Por fim, e em relação ao empréstimo "candongá" assinalamos que é proveniente do Kimbundu, uma língua bantu

da África Ocidental, falada em Angola. Este lexema já se encontra dicionarizado em Lello et al (1969:201).

2 - ANÁLISE DOS DADOS

2.0. - Neste ponto analisam-se os empréstimos lexicais que das Línguas Bantu passam para o Português, conforme a lista constante do ponto 1.0 deste Capítulo e anexo um.

Embora não tenhamos podido integrar no nosso trabalho todos os empréstimos que registamos na recolha do corpus, devido à sua elevada quantidade; embora não tenhamos conseguido retratar os empréstimos provenientes de todas as línguas bantu que se falam em Moçambique, por o recorte temporal nas nossas fontes de recolha de dados o não ter fornecido, julgamos representativa a amostra condensada nos elementos lexicais aqui apresentados.

Orientando a nossa análise conforme os critérios que preconizamos no Capítulo II, iremos, no estudo que a seguir desenvolvemos, direccionar o nosso enfoque para os aspectos que nos empréstimos visados se prendem com:

1. Tipologia dos Empréstimos;
2. Tradução dos Empréstimos;
3. Integração Morfo-sintáctica dos Empréstimos Lexicais;
4. Classe Gramatical dos Empréstimos;
5. Flexão dos Empréstimos

2. 1. - TIPOLOGIA DOS EMPRÉSTIMOS

No que concerne à tipologia, verificamos que os empréstimos lexicais de origem bantu no PM se distribuem de forma equitativa em *empréstimos totais* e em empréstimos de *tipo substituição*. Os *empréstimos semânticos* rareiam.

O mapa que se segue elucida esquematicamente a distribuição a que nos referimos.

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADE	%
EMPRÉSTIMOS TOTAIS	10	47,6
EMPRÉSTIMOS TIPO SUBSTITUIÇÃO	10	47,6
EMPRÉSTIMOS SEMÂNTICOS	1	4.8
TOTALIDADE	21	100

FIGURA 3

Verificamos que a percentagem dos empréstimos totais quantitativamente não difere da dos de tipo substituição. Como a base de classificação destes dois tipos de empréstimos assenta essencialmente sobre aspectos fonológicos, o estudo revela que as estruturas fonológicas dos empréstimos lexicais bantu são aceites pelo Português numa proporção equitativa de 47,6% e em que uma parte é constituída por empréstimos totais e a outra por empréstimos com uma estrutura fonológica parcialmente rejeitada pelo Português, formando o grupo dos empréstimos de tipo *substituição*, os quais se submetem à harmonização fonológica aquando da sua adopção pelo Português.

A terceira e última parte dos elementos da amostra cifra-se em 4,8% e respeita a empréstimos semânticos.

Passemos ao estudo caso a caso destes três tipos de empréstimos, analisando os dados da amostra.

2.1.1. - EMPRÉSTIMOS TOTAIS

Constituem empréstimos totais na nossa amostra as entradas lexicais etiquetadas com as letras E, F, G, J, K, L, N, R, S e U ou sejam, "capulana", "chima", "dumbanengue", "machamba", "madala", "marrabenta", "mufana", "sura", "tchungamoio" e "xicadju".

Sobre estes empréstimos fonológica e semanticamente pouco haverá a discutir, uma vez que a sua adopção comporta tanto o som como o sentido da língua bantu de origem. Poder-se-á aludir tão somente que na nossa pesquisa encontramos sons que na Língua Portuguesa não existem mas que não sofreram nenhum "blocking"; entraram directamente tal como acontece com os estrangeirismos "tchungamoio" e "xicadju": os sons /tch/ e /dj/ não existem no acervo fonémico do Português, todavia os empréstimos foram aceites totalmente no PM. A entrada destes fonemas sem restrições no Português é um fenómeno linguístico que as futuras investigações poderão esclarecer.

Um outro aspecto ainda relacionado com o empréstimo "xicadju" respeita à sua origem. Aceitamo-lo como de origem bantu considerando apenas o estado em que actualmente entra no PM, pois, inicialmente, como documentam Lello et al (1969:9), "acaju ou caju é um termo "tupi" designativo de fruta de qualquer das espécies do acajueiro". Estamos em crer que as Línguas Bantu faladas em Moçambique receberam-

no de empréstimo do Português e agora o devolvem. À luz de Vilela (1994:18), podemos classificar "xicadju" de empréstimo indirecto do Ronga para o Português.

Prosseguindo com as especificidades dos empréstimos totais atrás, nota-se ainda que no Ronga o lexema "marrabenta" ostenta na sua grafia apenas um "r". Podemos esclarecer este facto referindo que a geminação desta letra nas línguas do grupo Tsonga não tem valor fonémico, enquadra-se na variação livre neste aspecto.


Neste trabalho consideramos as entradas lexicais (F e J) "chima" e "machamba" empréstimos totais apesar de nas respectivas Línguas Bantu de origem terem sido escritas com "x" e no PM com "ch". Assim o decidimos por na Língua Portuguesa o som [ʃ] tanto se representar de uma ou de outra daquelas formas ortográficas. Portanto, julgamos não ter havido nenhuma adequação formal daqueles dois estrangeirismos aquando da sua entrada no PM.

CONCLUSÃO: A existência de grande quantidade de empréstimos totais julgamos ou ser indicativo de proximidade das estruturas fonológicas das Línguas Bantu e do Português ou então que a língua importadora tolera a entrada desses fonemas que lhe são estranhos, adoptando-os.

2.1.2. - EMPRÉSTIMOS DE TIPO SUBSTITUIÇÃO

O leque dos empréstimos de tipo substituição na nossa amostra é constituído pelas entradas lexicais "banja", "bayete", "candongá", "kavelavela", "lobolo", "milando",

"nthipwe", "nyandayeyo", "palhar" e "txova-xitaduma", sequenciadas, respectivamente, pelas letras A, B, D, H, I, M, O, P, Q e T na lista geral.



Tal como referimos em 2.2. do Capítulo II, os empréstimos deste tipo caracterizam-se por se lhes introduzirem modificações fónicas, fonológicas e de natureza gráfica para adaptá-los à língua importadora. Esta adaptação pode ser originada por ausência de certos sons na língua hospedeira ou por outros motivos, como a seguir explanamos:

2.1.2.1. - AUSÊNCIA DE SOM CORRESPONDENTE NA LÍNGUA PORTUGUESA

2.1.2.1.0. - As mudanças que se verificam nos lexemas bantu desta secção adoptados pelo Português são motivadas pela ausência dos fonemas bloqueados nesta língua.

a) Nos lexemas *banja* e *bayete* o fonema bantu /b'/[b̥] passa para /b/ [b] no PM.

Aqui podemos considerar que a regra fonológica atrás é persistente; em todos os contextos da nossa recolha onde ocorreu o fonema bantu /b'/' no PM passou para /b/, como ainda documenta o lexema *bangala*, b'angala na LO, na seguinte frase:

(25) E o desprezo que o velho manifesta quando chove e se estraga a cova? Na concepção africana da vida,

desprezar a chuva só pode ser sinónimo do desprezo pela vida porque chuva é guche, é bangala⁶, é nyangana.

DO 4/1/87:3

Assim se estabelece a seguinte regra fonológica:

/b'/ ---> /b/

b) Ainda em *banja*, *b'andla* na LO, o fonema bantu /dl/ passa para /j/.

Tomando em conta o que tem sido o quotidiano do PM e recorrendo à nossa competência linguística do Tsonga, podemos explicitar que também esta regra fonológica é constante. Os apelidos de família e designações toponímicas como Mondlane, Mandlate, Mundlovo, Ndlalane, Dlalate, Ndlozi, Mandlakaze, etc., geralmente do Sul de Moçambique, até ao ano de 1975, muitas vezes grafavam-se, a fim de adequá-los à fonologia do português, respectivamente, por Monjane, Manjate, Munjovo, Jalane, Jalate, Jozi e Manjacaze, fazendo-se sempre passar o fonema bantu /dl/ para /j/.

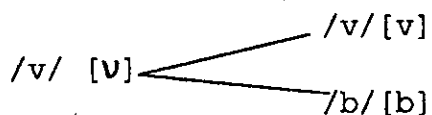
Sobre este caso podemos consignar a seguinte regra fonológica: nos empréstimos lexicais de origem bantu para o PM, o fonema bantu /dl/ passa para /j/.

/dl/ ---> /j/

c) Em *kavelavela* os fonemas bantu /v/ [v] passam para o fonema português /v/ [v] e este mesmo fonema bantu /v/ [v] passa para /b/ no lexema *lobolo*.

⁶Um tipo de legume silvestre em Changana.

Verificamos neste caso que a regra fonológica a estabelecer admite alternância de valência dois: o fonema bantu /v/ [v] passa para /b/ ou /v/ no PM. Daqui resulta a seguinte regra fonológica:



d) No empréstimo *milando* (minandzu na língua de origem) assiste-se a mudança do fonema bantu /dz/ para /d/ português, "por ausência" do fonema /dz/ na Língua Portuguesa, como temos vindo a referenciar nesta secção. Não dispomos de dados quantitativamente muito aceitáveis para ajuizar sobre a regularidade desta mudança. Podemos somente aludir que no processo da mudança desaparece o diacrítico pela queda da fricativa /z/ na Língua Portuguesa originando a palavra "minando", formação que é bloqueada no português. A regra fonológica a estabelecer é a seguinte:

$$/dz/ \text{ ---> } /d/$$

Nota-se no lexema "milando" outra mudança fonológica, a do fonema /n/ na LO que passa para /l/ no PM. Concorrendo para esta mudança outros factores, a sua análise far-se-à no ponto 2.1.2.2. seguinte e na alínea a).

e) Em "nthipwe" notamos que este lexema ostenta na LO um /t/ geminado, "ntthipwe", inexistente no Português. A respeito desta ocorrência podemos referenciar tratar-se de caso esperado que em todos os contextos de /t/ geminado haja uma substituição por um /t/ simples nos empréstimos

lexicais bantu para a Língua Portuguesa. Deste estudo resulta a seguinte regra fonológica:

/tt/ ---> /t/

f) O lexema "palhar" apresenta-nos dois casos para análise. O primeiro relaciona-se com a mudança fonológica em que o fonema bantu /hl/ [ɬ] passa para /lh/[ʎ] no PM e o segundo caso respeita à formação do infinitivo dos verbos de origem bantu tomados por empréstimo pelo PM.

Debruçar-nos-emos sobre este último caso em 2.1.2.2. neste mesmo capítulo e na alínea c).

Retomando a discussão da mudança do fonema /hl/ atrás assinalada, podemos advogar, embora não disponhamos de uma amostra quantitativamente representativa sobre o fenómeno, que nos empréstimos lexicais bantu com o fonema /hl/, este é representado por /lh/ na Língua Portuguesa.

/hl/ [ɬ] ---> /lh/[ʎ]

g) Nas entradas lexicais "tchungamoio" e "txovaxitaduma", elementos do nosso corpus, existe algo de comum entre eles para estudo. Trata-se do som bantu [ɬ] inexistente no acervo fonémico do Português⁷. Contudo assinalamos a sua adopção sem restrições no português falado em Moçambique.

Esclarecemos que esta constatação é uma mera observação; não constitui motivo principal de inserção

⁷Chamamos a atenção sobre a ortografia do som /dj/ no segundo e terceiro parágrafos do ponto 2.1.1. deste mesmo capítulo.

destes dois lexemas para análise nesta secção, pois, o que se acaba de referir colocaria estes empréstimos na classe dos empréstimos totais.

As razões que explicam a classificação de "tchungamoio" um empréstimo total será motivo de discussão no número seguinte, neste mesmo capítulo.

2.1.2.2. - SUBSTITUIÇÃO DE SOM POR OUTROS MOTIVOS

2.1.2.2.0. - Neste ponto analisaremos a substituição do fonema no neologismo por motivos diversos do anteriormente estudado. a) A mudança fonológica que se nota no lexema *candongá* é motivada pelo facto de no português o fonema /g/ não poder ocupar a posição final de palavra.

b) Tal como o anunciamos anteriormente, em "milando", "minandzu" na LO, observa-se o facto curioso de o fonema /n/ da LO deste empréstimo ter sido substituído na língua alvo (PM) por /l/.

Ora, partindo do princípio de que /n/ faz parte dos fonemas do Português, urgiu no nosso estudo dar explicação à substituição operada. Verificámos, então, no nosso modesto estudo, que com a substituição do fonema /n/ por /l/ o resultado final deu origem ao lexema *milando* e, sem esta substituição, e depois das operações estudadas na alínea d) do número 2.1.2.1. deste capítulo, constitui-se a palavra minando, o que deu azo a um "blocking". A justificação que o nosso estudo deu a este bloqueio é a

existência devidamente dicionarizada de "minando", gerúndio do verbo minar no léxico português. Se o empréstimo bantu "minandzu" tivesse entrado para o PM com a constituição minando teria provocado uma sobreposição fonémica desta palavra na Língua Portuguesa.

c) No empréstimo nyandayeyo (nyandhayeyo na LO) nota-se a queda da aspiração. Sendo a aspiração um traço não contrastivo em Português, é caso não marcado que em todos os empréstimos de origem bantu marcados com o traço [+aspirado] este não se realize no PM e caso ocorra não comporte valor contrastivo, enquadrando-se na variação livre. É a seguinte a regra fonológica a formular:

[+aspirado] ---> 0

d) Fora as mudanças referidas na alínea f) do número anterior, no empréstimo "palhar" nota-se a substituição da marca bantu do infinitivo impessoal "ku" pelo seu correspondente do português "r":

kuphahla

palhar

Sobre este caso, se entendermos que o verbo "lobolar"⁸ (kulovola), já existente no PM, não ocorre no Português por meios derivativos, mas que é empréstimo directo do Changana, concluiremos então que "ku" prefixo de classe verbal e marca do infinitivo impessoal dos verbos bantu passa para "r", seu correspondente no Português. Quiçá tiremos ainda a ilação seguinte: Todos os verbos bantu

⁸Vide nosso exemplo (13) no ponto 4.0. capítulo II.

tomados como empréstimos pelo PM passam para a primeira conjugação dos verbos do Português "ar".

Exemplos:

(26)

<u>kuphahla</u>	--->	palhar <u>ar</u>
<u>kulovola</u>	--->	lobolar <u>ar</u>
<u>kubaba</u>	--->	babar ⁹ <u>ar</u>
<u>kucinga</u>	--->	txingar ¹⁰

Frisemos que nas Línguas Bantu os verbos não se classificam em diferentes conjugações tal como acontece no Português. Todos eles se iniciam pelo prefixo "ku" tendo como morfema terminal "a". Deste modo, quando um lexema bantu desta classe for adoptado como empréstimo pelo Português, cai-se-lhe o prefixo de classe verbal e marca bantu do infinitivo impessoal "ku" e ao morfema terminal também bantu do infinitivo "a" se lhe acrescenta o "r".

e) A mudança fonológica do /y/ da LO para /i/ no PM que se verifica no empréstimo "tchungamoio", no quadro geral dos fonemas do Português, não é justificável por esta língua e segundo as recentes convenções da sua ortografia, possuir o "y" como parte do seu alfabeto, mormente no caso vertente dos empréstimos lexicais. O caso enquadra-se no leque das opções de que o Português pode gozar nesta matéria. Porém estas facilidades de escrita não sucederiam

⁹Usar de artimanhas para obter de alguém certos favores.

¹⁰Herdar, para mulher, uma viúva.

em relação à ortografia deste mesmo lexema nas Línguas Bantu em que a estrutura silábica é rigorosamente CV ou V e nunca VV tal como se nos apresenta o empréstimo "tchungamoio" no PM.

Resumindo: A ortografia em "y" ou "I" no empréstimo "tchungamoio" é de carácter optativo para o PM, mas para as Línguas Bantu é obrigatório o uso de "y" na escrita.

2.1.3. - EMPRÉSTIMOS SEMÂNTICOS

2.1.3.0. - A particularidade deste tipo de empréstimos é a de se introduzirem na língua hospedeira somente após a tradução, conferindo um novo sentido à palavra da língua alvo. Contudo convém não confundir empréstimo semântico com o simples neologismo semântico. No nosso trabalho tratamos do empréstimo semântico. A seguir tentaremos definir cada um destes dois conceitos:

a) O empréstimo semântico é da interlíngua. Ele, como neologismo simples (surgimento primário do lexema), cria-se numa língua estrangeira e como empréstimo apenas o seu sentido é importado; o material lexical (a palavra) pertence à língua receptora do empréstimo. Exemplo:

"arranha-céus" é um empréstimo semântico da interlíngua no Português, tal como o explicamos no número 2.3. do Capítulo II deste trabalho.

b) O simples neologismo semântico é da intralíngua. Tanto a palavra como o sentido criam-se na mesma língua. A simples neologia semântica é um "processo de criação de novas unidades lexicais que consiste em empregar um

significante atribuindo-lhe um conteúdo que não tinha anteriormente", Xavier et al (1990). Exemplos: Na língua Portuguesa temos o lexema "macaco" que supomos inicialmente ter significado "mamífero quadrúpede da ordem dos primatas", Lello et al (1969:723) e só mais tarde se operou na palavra macaco uma "neologia semântica" atribuindo-se-lhe o conteúdo semântico: "maquinismo para levantar grandes pesos", o citado Lello et al (1969:723). Em Ndau (uma língua bantu) encontramos kutchunga (apertar) e moyo (coração) que podem formar o neologismo sintagmático "tchunga-moyo" significando local de negócio.

Resumindo: Há similaridade entre **empréstimos semânticos** e **simples neologismos semânticos**, primeiro, ambos são conceptuais e, segundo, consistem na mudança semântica de uma palavra de uma dada língua.

Por outro lado, afirmamos que **empréstimos semânticos** e **simples neologismos semânticos** diferem por o primeiro envolver mais do que uma língua enquanto o segundo é do domínio da intralíngua.

2.1.3.1. - Apresentamos no ponto precedente duas formas de neologia semântica sem contudo esgotar as diferentes formas em que ela se possa apresentar. Sobre este facto Alves (1990:62) refere que "por meio de processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque, etc., vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformarem-se em novos itens lexicais". Apresentamos, em seguida, a análise do único

empréstimo semântico do nosso corpus "cabritismo" que na ordenação alfabética das entradas lexicais lhe coube a letra C.

"Mbuti yija la yingabohiwa kona"

(cabrito come onde está amarrado)

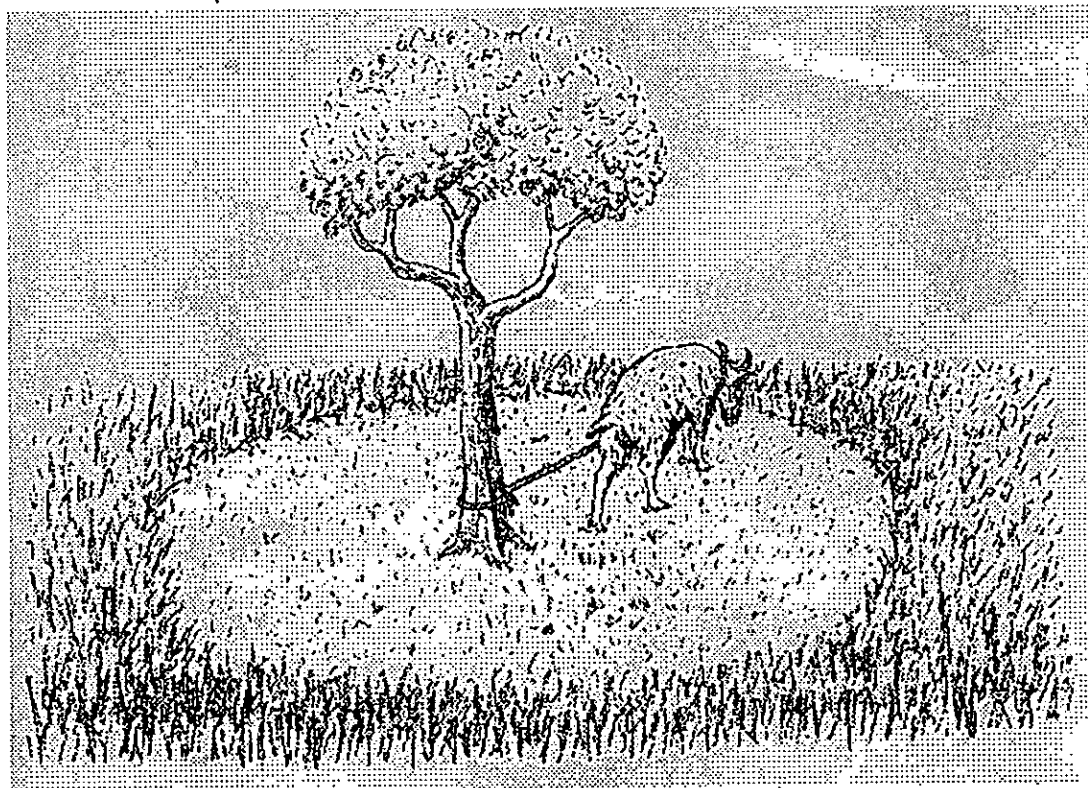


FIGURA 4

Trata-se do provérbio Changana que teve muita aplicação no país e está ainda em voga. Tal provérbio, é uma metáfora animal a retratar a corrupção material dos funcionários e cujo lema é "no seu local de trabalho o indivíduo deve beneficiar-se lícita e ilícitamente". Primeiramente este provérbio foi traduzido para o Português e usado em vários estratos da sociedade. Nos últimos anos sofreu acréscimos tais como "o cabrito come onde está amarrado e conforme o tamanho da corda" por fim operou-se neste provérbio uma sinédoque: simplesmente só se fala no

"CABRITISMO" para designar a já referida corrupção material dos funcionários.

O nosso corpus denuncia a raridade deste tipo de empréstimos: 4,8% como já o indicamos. O que é que poderá estar por detrás da carência deste tipo de empréstimos? Supomos o distanciamento das concepções sobre o mundo circundante e o das culturas dos Portugueses e dos Bantu ser a causa desta raridade.

2.2. - TRADUÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

2.2.0. - O estágio neólogo do empréstimo linguístico pode caracterizar-se pela sua tradução, aquando do seu uso. Repetimos que o juízo sobre o grau da divulgação do neologismo é dado pelo emissor da mensagem.

Consideramos neste trabalho tradução do empréstimo quando deliberadamente o emissor se esforça por explicar o significado do neologismo que usa. Exemplo:

(27) "... Pois de quem fora a culpa? Da lua que iluminava tudo como se não soubesse que "Nthipwe" (dança, festa) não vê família nem nada e ninguém tem o direito de ser de dono!"

DO 8/3/87:2

Neste excerto, devido à presença do elemento léxico novo que emprega, o emissor explana os diversos sentidos do lexema "nthipwe", em português, na própria mensagem para preservar a comunicação com o receptor.

Dos elementos da nossa amostra encontram-se traduzidos os neologismos "candongá", "kavelavela", "lobolo", "nthipwe", "palhar" e "sura".

A seguir apresentamos o quadro estatístico relativo ao grau de divulgação dos empréstimos do nosso corpus junto dos utentes do PM.

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADE	%
EMPRÉSTIMOS TRADUZIDOS	6	29
EMPRÉSTIMOS NÃO TRADUZIDOS	15	71
TOTAL	21	100

FIGURA 5

Na presença desta tabela verificamos que 29% das unidades do nosso corpus representa o conjunto dos neologismos menos conhecidos entre os falantes do PM, enquanto 71% corporiza os empréstimos de origem bantu de domínio geral do público utente desta norma.

2.3.- INTEGRAÇÃO MORFO-SINTÁCTICA DOS EMPRÉSTIMOS NO ACERVO LEXICAL

2.3.0. - No quadro da definição dada no número 4 do Capítulo II deste trabalho onde se refere à integração dos empréstimos na Língua Portuguesa, verificamos que se inserem neste conjunto os lexemas do nosso corpus etiquetados com as letras C, D, F, G, I, J, M, P e Q. Estes empréstimos mostram-se produtivos no quotidiano do PM.

Prevenimos, contudo, que durante a recolha de dados não nos foi possível comprovar na totalidade a

produtividade no PM dos empréstimos aqui listados. Atestamos a ocorrência de certas formas derivadas recorrendo à nossa competência linguística de falantes do PM e para identificar tais derivados certificados por nós marcámo-los com o sinal [?].

A seguir apresentamos o rol dos derivados e compostos dos estrangeirismos de origem bantu no PM na nossa amostra.

C. CABRITISMO

[?] Cabrito "vida de cabrito (sentido figurado)"

D. CANDONGA

Candongueiro "que exerce a actividade de candonga"

[?] Candongar "exercer candonga"

F. CHIMA

[?] Chimada "churrasco acompanhado de chima"

G. DUMBA-NENGUE

[?] Dumbanengueiro "pessoa que vende no dumba-nengue"

I. LOBOLO

Lobolar "pagar o lobolo"

J. MACHAMBA

[?] Machambeiro "agricultor"

11

M. MILANDO

[?] Milandeiro "zaragateiro"

P. NYANDAYEYO¹¹

[?] Nyandayeyo!

Q. PALHAR

¹¹ Nyandayeyo, palavra originalmente interjeição, entra na língua portuguesa com a categoria gramatical nome. Duvidamos que nesta língua seja usada com a sua categoria original, de forma que numa situação aflitiva um falante do PM venha a empregá-la solicitando socorro.

[?] Cerimónia de kuphalha

2.4. - CLASSE GRAMATICAL DOS EMPRÉSTIMOS

2.4.0 - Os empréstimos de origem bantu conservam a classe gramatical da língua de origem ao serem importados para o Português. O caso a discutir sobre este aspecto relaciona-se com a entrada lexical P da nossa amostra. Se "nyandayeyo" é originariamente interjeição, o PM necessitou deste lexema como nome.

Ao investigar as causas da alteração categorial deste empréstimo aventamos como primeira hipótese tratar-se do mero exercício do manejo da língua e a segunda hipótese seria a do esforço do emissor em retratar a cultura local recorrendo, para isso, aos estrangeirismos da zona geográfica do acontecimento, tal como o explicamos no ponto 3.1. do Capítulo II. Mas esta segunda hipótese torna-se débil do ponto de vista formal, pois, para a sua subsistência o empréstimo devia apresentar-se acompanhado do correspondente termo da língua importadora a fim de se estabelecer o confronto cultural entre as línguas fonte e alvo do empréstimo. O que se nos afigura consistente é a primeira hipótese, pois, na mudança da classe gramatical dos lexemas, mormente para a dos substantivos, Cunha et al (1992:105) esclarece que "as palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo". Assim, nyandayeyo

palavra interjectiva na LO pelo processo de derivação imprópria e por meio de anteposição de artigo passa para classe gramatical substantivo.

Contudo fazemos notar que o autor acima aplicou este princípio nos elementos lexicais da intralingua e não numa análise interlingue como é a do nosso estudo.

Em tudo quanto tenhamos dissertado sobre a categoria gramatical deste empréstimo, decidimos classificá-lo neste trabalho com a categoria gramatical "substantivo".

A seguir apresentamos o quadro de distribuição dos empréstimos lexicais da nossa amostra em classes gramaticais.

DESIGNAÇÃO	QUANTIDADE	%
SUBSTANTIVOS	19	90
VERBOS	1	5
INTERJEIÇÕES	1	5
TOTAL	21	100

FIGURA 6

No estudo do corpus do nosso trabalho verificamos que a regra de distribuição dos empréstimos pelas classes gramaticais defendida pelos autores anteriormente citados no ponto 5 do Capítulo II deste trabalho se observa. Os empréstimos lexicais de origem bantu para o PM tendem a incidir sobre a classe gramatical substantivo. Mais podemos acrescentar que, em geral, a sua classe gramatical de origem mantém-se inalterável aquando da sua adopção pelo Português.

origem mantém-se inalterável aquando da sua adopção pelo Português.

2.5. - FLEXÃO DOS EMPRÉSTIMOS

2.5.0 - Em seguida passamos a analisar os empréstimos constantes do corpus nos aspectos gramaticais respeitantes à flexão em género e número.

2.5.1. - FLEXÃO DOS EMPRÉSTIMOS EM GÉNERO

Não possuindo, no geral, género as línguas Bantu de que são oriundos os empréstimos em análise, esperaríamos que os nomes fossem todos para o masculino, conforme a segunda hipótese formulada por Alves (1990:81). Na verdade, esta é uma sobregeneralização sem enquadramento nos elementos da nossa amostra, como ainda o referimos no ponto 6.1.0. do Capítulo II deste trabalho.

Passemos então ao estudo do género dos 19 substantivos do corpus que se seguem: A.Banja, C. Cabritismo, D. Candonga, E. Capulana, F. Chima, G. Dumbanengue, H. Kavelavela, I. Lobolo, J. Machamba, K. Madala, L. Marrabenta, M. Milando, N. Mufana, O. Nthipwe, P. Nyandayeyo, R. Sura, S. Tchungamoio, T. Txova-xitaduma e U. Xicadju.

Destes, apresentam-se como empréstimos de formação simples e com morfema terminal [a] os seguintes: "banja", "candonga", "capulana", "chima", "kavelavela", "machamba", "madala", "marrabenta", "mufana" e "sura". Verificamos que a maioria é de género FEM e só dois deles, nomeadamente,

Português, como melhor o indicamos no ponto 6.1.1. do Capítulo II deste trabalho.

Os empréstimos de formação simples terminados pelos morfemas "e", "o" e "u" são do género -FEM, mesmo que na Língua Portuguesa tenham um equivalente de género FEM como é o caso do estrangeirismo "nthipwe" (dança).

Indicamos, em seguida, os empréstimos de formação complexa do nosso corpus. Referimo-nos às entradas "dumba-nengue", "nyandayeyo", "tchungamoio" e "txova-xitaduma". Começaremos pela análise dos empréstimos "dumba-nengue", "tchungamoio" e "txova-xitaduma", explicitando que eles, na sua LO, são palavras de criação complexa do tipo sintagmático¹² ou composição e "em sintaxe têm um comportamento morfológico de palavra", isto é, de "átomos sintácticos" Mateus et al (1990:481) e consequentemente elementos opacos nesta perspectiva.

(28)

1. [dumbav nengue_N] _N "confia-perna"
2. [tchungav moio_N] _N "aperta-corção"
3. [txovav xitadumav] _N "empurra pegará"

Relativamente ao composto "txova-xitaduma", "xi" é um prefixo de concordância da classe 7 nas Línguas Bantú cuja tradução não existe no Português. *dança*

Recordamos que os nomes em línguas Bantu encontram-se agrupados em classes e esta integração é denunciada pelos "prefixos de classe nominal" e em sintaxe a referência

¹²cf. (ALVES, 1990:62-64).

àqueles nomes é feita pelo outro tipo de prefixos: os prefixos de concordância.

Notámos na nossa breve pesquisa que no Changana, LO do neologismo "txova-xitaduma", com a exclusão do modo imperativo e infinitivo impessoal, às formas verbais sempre estão associados os prefixos de concordância.

Mais verificámos que na ordenação básica dos constituintes da frase todos os prefixos de concordância se relacionam com um antecedente nominal ou nominalizado (substantivado). Concluimos ainda que estes prefixos denunciam a classe nominal do elemento com o qual concordam: em *xitaduma* (pegará) "xi" concorda com os nomes (no singular) da classe 7 das *Línguas Bantu*. ^{Changana}

Ribeiro (1965:477), sem aprofundar, referiu-se a estes "prefixos verbais" que "podem fazer de complemento directo" nas Línguas Bantu.

A análise atrás e a que se segue visam fundamentalmente a determinação dos núcleos dos três compostos da nossa amostra, para posterior atribuição do seu género e local de flexão em número, mais ainda para confirmação dos procedimentos subjacentes a esta atribuição.

Consideremos "txova-xitaduma" não no estatuto de um composto tal qual ocorreu na nossa recolha de dados, mas como período gramatical normal:

(29)

[[-] [txova [-]] [[-] [xitaduma]]]
F SN_{SU} SV SN_{OD} F' SN_{SU} SV

[[-] [empurra [-]] [[-] [pegar]]]
F SN_{SU} SV SN_{OD} F' SN_{SU} SV

(30)

[[-] [txova [xilo]] [[xilo] [xitaduma]]]
F SN_{SU} SV SN_{OD} F' SN_{SU} SV

[[-] [empurra [a coisa]] [[a coisa] [pegar]]]
F SN_{SU} SV SN_{OD} F' SN_{SU} SV

Nos dois exemplos acima e fora o seu relacionamento com a F', onde marca a concordância com o SN (SU) omisso do verbo "kutxova" (empurrar), "xi" constitui uma marca de concordância com SN (OD) também omisso e seleccionado pelo verbo "kutxova" (empurrar) na F e na perspectiva:

kutxova: [____ SN] (empurrar: [____ SN]).

Verificamos no exemplo (29) que, estando o verbo da F no imperativo, o locutor insta o alocutário a executar a acção "kutxova" e ambos, locutor e alocutário, observam o objecto físico sobre o qual recairá a acção enunciada pelo verbo "kutxova", daqui a omissão da realização lexical do OD naquela frase.

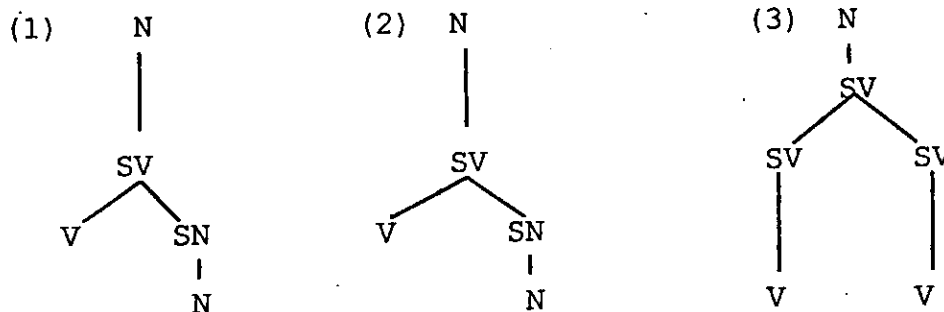
O exemplo (30) elucida a análise sintáctica de "txova-xitaduma", após o preenchimento do lugar do OD da F e do SU da F'.

No que respeita à flexão deste tipo de palavras, objecto fundamental desta discussão, analogicamente e analisando estritamente palavras já lexicalizadas do

português, Mateus et al (1990:482) explicam que "é de admitir que seja o núcleo dos seus compostos que a determina" e, para a determinação do seu núcleo, carecemos da análise da sua estrutura interna.

Atentemos que os três compostos da nossa amostra são tipicamente de categoria sintagmática SV.

(31)



(1) dumba-nengue (2) tchungamoio (3) txova-xitaduma

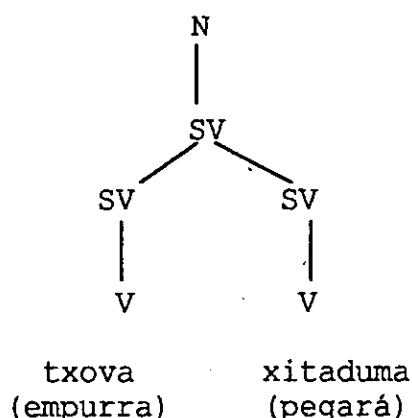
O género destes compostos, como o referimos atrás, será determinado pelo núcleo respectivo. Na língua Portuguesa, tal como o defendem Mateus et al (1990:481), "o núcleo das palavras-objectos-morfológicos é atribuído ao constituinte da direita e nas palavras sintácticas [como nas três em discussão] tanto ocorre à esquerda, direita, como até pode não existir".

Tradicionalmente numa análise sintáctica e no sintagma verbal o núcleo é o verbo. Mas tratando-se da sintaxe dos compostos com categoria gramatical substantivo há restrições a este princípio: "o verbo não pode tornar-se núcleo de um nome, porque as propriedades morfológicas do verbo e do nome são distintas", Mateus et al (1990:484). Assim, segundo as mesmas autoras, entende-se que para a

atribuição de género e núcleo os compostos de categoria sintagmática SV tomam os valores não-marcados e, em Português, o género não-marcado é o masculino, o valor nuclear não-marcado é atribuído ao constituinte da direita.

As estruturas internas dos compostos do tipo 1 e 2 da nossa amostra analisam-nas Mateus et al (1990:483), exemplo 29.3. Quanto ao composto "txova-xitaduma" e no que respeita ao suporte teórico da análise da sua estrutura interna, por analogia com o princípio de um SN que coordena dois SNs e que as autoras atrás referidas apresentam (pág. 486, exemplo 35.2), aventamos a hipótese de estarmos em presença de um SV que coordena dois SVs:

(32)



Não chegámos a esta conclusão baseando-nos somente nas hipóteses ; dados empíricos o comprovam. Exemplos:

(33) "Cancelado licenciamento de txova-xitadumas."

DM 25/4/96:2

(34) "A Direcção dos Transportes e Trânsito da Cidade da Beira decidiu por termo ao licenciamento de tova-xitadumas "

DM 25/4/96:2

Note-se que não só os dados da nossa amostra atestam esta ocorrência, como também o exemplificam Lello et al (1969:1227), indicando o constituinte a flexionar quanto ao número neste tipo de compostos e o género a atribuir : "vaivém: movimento daquilo que vai e vem alternadamente, de um ponto para o outro: *o vaivém de um pêndulo. Revés: os vaivéns da sorte*".

Frisemos que quando um SV coordena dois SVs num composto, a flexão ocorrerá sempre no constituinte da direita que se marca com o género -FEM, por se tratar de "constituíntes de género e valor de atribuição de núcleo não marcados em língua portuguesa" como o referimos anteriormente.

Em resumo: os compostos da nossa amostra são do género não-marcado no português, o -FEM, e o seu núcleo localiza-se no constituinte à direita, ou seja em, respectivamente,

1.-nengue(perna), 2.-moio(coração) e 3.-xitaduma(pegará).

No que respeita ao género do empréstimo "nyandayeyo", notámos no ponto 2:4.0. deste mesmo Capítulo que no processo da sua formação lhe foi anteposto o artigo definido masculino "o" para que se transformasse em substantivo de género -FEM na língua portuguesa.

Do estudo acabado de realizar conclui-se que os empréstimos de origem bantu não se opõem a nenhuma regra do Português de flexão gramatical do género, uma vez que esta regra não existe nas línguas bantu. Nestas línguas a

expressão do género, realiza-se *lexicalmente* para designar algumas entidades do reino animal.

A seguir exemplificamos com a língua Changana este tipo de flexão:

(35)

CHANGANA	PORTUGUÊS
a) doda	"ancião"
sungukati	"anciã"
b) mbzana (genérico)	"cão" (genérico)
nkati	"cadela"
c) duna	"toiro"
nkomazi	"vacã"
etc.	

2.5.2. - FLEXÃO DOS EMPRÉSTIMOS EM NÚMERO

Retomando esta discussão realçamos que nas LB a flexão em número ocorre à esquerda da base do lexema através dos prefixos de classe.

Sobre este aspecto há a referir que devido à disparidade da posição da ocorrência da flexão e à dos respectivos marcadores de plural entre o Português e as Línguas Bantu, alguns estrangeirismos provenientes destas línguas para língua portuguesa são importados já no plural, mas na língua alvo voltam a ser pluralizados. Entram neste grupo os empréstimos "madodas"¹³ do nosso exemplo (3) e "milando" com a entrada M. no nosso corpus.

¹³Note-se que este lexema no Changana, sua LO, realiza-se "doda" no singular e "madoda" no plural.

De forma inversa, assinalou esta confusão na flexão em número Sítos (1991:110), exemplo [43]¹⁴, referindo-se aos empréstimos do Português no Tsonga, em que palavras no singular em Português são entendidas na Língua Bantu como estando já no plural.

Advertimos que "minandzu" (milando) faz "nandzu" no singular na LO. Esperamos que nos casos em que um indivíduo se ache envolvido em mais do que uma confusão, no PM se refira a "milandos", reduplicando a pluralização deste lexema de origem bantu.

Em resumo:

1. - O Português e as Línguas Bantu, mutuamente, não reconhecem os marcadores de plural de cada.

2. - É de esperar que as Línguas Bantu não reconheçam ainda o género flexional existente na Língua Portuguesa.

3. - O que se acaba de afirmar nos números 1 e 2 precedentes tem gerado confusões nos aprendentes de uma destas línguas. Durante a sua aprendizagem espera-se a ocorrência dos seguintes tipos de erros:

a) Os aprendentes de uma língua bantu cuja L1 é Português encaram dificuldades no estabelecimento da concordância dos prefixos de classe;

b) Os aprendentes de Português que possuem como L1 uma língua bantu, para efeitos de concordância (flexão) em número e por influência da sua língua materna, principalmente na sua expressão oral, topicalizam o início

¹⁴Exemplo [43] na obra deste autor.

de palavra, cometendo erros, às vezes por omissão da última sílaba ou do morfema terminal onde se localiza a flexão no português.

No que concerne à flexão em género requerida pelo Português, estes aprendentes, por influência da sua L1, ignoram-na ou a usam de forma indiscriminada produzindo frases do tipo:

(36)

a) * O meu mulher está zangado.

A minha mulher está zangada.

b) * O meu mulher está boa.

* A minha mulher está bom.

A minha mulher está boa.

A minha mulher está de boa saúde.

CAPÍTULO V

C O N C L U S ã O

1. - CONSIDERAÇÕES FINAIS

1.1 - SUPORTE METODOLÓGICO

1.1.0. - Este trabalho teve como orientação de estudo as teorias sobre a Lexicologia no concernente aos empréstimos linguísticos e confronto entre a língua portuguesa e línguas bantu faladas em Moçambique no Capítulo I números 3 e 4, Capítulo II e Capítulo IV número 2.

1. 2 - SOBRE A HIPÓTESE DESTE TRABALHO

1.2.0. - No fim da nossa pesquisa constatamos que a proposta deste trabalho "estudo dos PROCESSOS DE IMPORTAÇÃO DE NEOLOGISMOS DE ORIGEM BANTU NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE " encerra em si pertinência. Assim pudemos validar em 52,4% (47,6%+4,8%) a nossa hipótese:

OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DE ORIGEM BANTU ENTRAM COM ALTERAÇÕES NA LÍNGUA PORTUGUESA.

1.2.1. - Após o estudo verificamos o seguinte:

- a) Há alterações com motivações fonémicas: encontramos fonemas nas LB que não existem no Português. Lexemas bantu contendo tais fonemas entram para o Português após harmonização fonológica.
- b) Quando o empréstimo bantu constitui uma palavra já existente no vocabulário do Português, primeiramente, sofre um bloqueio sendo adoptada após reformulação fonémica.
- c) A posição pré-radical da flexão dos empréstimos bantu passa para pós-radical no PM.
- d) Os marcadores bantu de plural não são reconhecidos pelo Português, conseqüentemente, os empréstimos bantu - SING são tidos como SING e pluralizam-se no Português.
- e) Os empréstimos bantu de classe verbal enquadram-se na primeira conjugação dos verbos portugueses.
- f) A posição pré-radical do infinitivo dos verbos bantu passa para pós-radical dos verbos portugueses.

g) A marca "ku" do infinitivo impessoal dos verbos bantu passa para "r" marca de igual valor nos verbos portugueses.

h) Os verbos bantu, uma vez integrados no PM, obedecem às regras de flexão do Português.

i) A ausência do género flexional nas Línguas Bantu faz que os empréstimos oriundos destas línguas sigam às regras do Português para a atribuição desta categoria gramatical. Nota-se, em certos casos, uma tendência de os empréstimos bantu marcarem-se com o género do seu correspondente em português.

j) Parece que os falantes do PM com L1 Bantu, quanto à flexão e por influência das Línguas Bantu, na sua expressão oral focalizam o início de palavra, cometendo, no fim de palavra, omissões ou erros de flexão no Português.

1.3 - SOBRE AS FONTES DE RECOLHA DE DADOS

1.3.0. - Comprova-se que para recolha dos neologismos numa sociedade que usa escrita, como a nossa, os jornais, especialmente os de maior circulação, constituem fonte principal. As fontes orais são um complemento para este aspecto.

1.3.1. - Quanto às Línguas Bantu de que são originários os empréstimos verificou-se que tanto os jornais da cidade do Maputo como os de fora dela publicam estrangeirismos provenientes de qualquer Língua Bantu, reportando, em geral, os empréstimos da língua do local dos

acontecimentos em notícia. Isto corrobora a hipótese de que os neologismos são no princípio de uso local.

2 - RECOMENDAÇÕES

2.0. - Este trabalho prevê os erros linguísticos a cometer pelos aprendentes de Português com L1 Bantu ou aprendentes de Língua Bantu com L1 europeia ou outra que a esta se aproxime. Referimo-nos aos erros que se prendem com a flexão em género ou número: sua presença-ausência, posição dos seus marcadores, etc.

Estes erros linguísticos micro-estruturais acabam interferindo nas macro-estruturas.

Assim, recomenda-se que os pedagogos e professores de línguas que lidem com os aprendentes destes grupos preparem materiais de ensino e ministrem as suas aulas tendo em conta algumas das constatações do presente trabalho.

2.1. - Recomendamos igualmente que em futuros trabalhos se proceda a estudos comparativos da posição e dos marcadores de flexão entre o Português e as Línguas Bantu e suas influências no ensino destas línguas.

2.2. - O nosso trabalho e outros tantos que já trataram da neologia emergente do PM, por exemplo Lopes (1995), constituirão ilhéus enquanto não surgirem trabalhos sobre o assunto, trabalhos que visem recolher e catalogar todos os neologismos de todas as origens e condensá-los numa obra de referência, como propõe Lopes (1997:51-3).

Julgamos o nosso trabalho, linguisticamente, enveredar mais pelos aspectos técnicos. Ora a língua é um

instrumento que deve estar à disposição da comunidade que a fala e a obra de referência (p. ex. o proutuário dos neologismos do PM) que advogamos seria uma ponte que ligaria lingusiticamente Moçambique à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

ANEXO I

CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DOS EMPRÉSTIMOS DA AMOSTRA

A. - BANJA

"Nas banjas dos Madodas teu preço é afincadamente discutido contudo não tens voz, tu".

DO 1/2/87

B. - BAYETE

"Bayete Zeca!

Quando morre um poeta escreve-se uma canção. E quando morre o cantor, o poeta, declamador, que se dirá"?

DO 1/3/87:

"É, também por isso, que podemos dizer que Zeca Afonso, para além da lei da morte, se libertou da sua continentalidade assumida e se dimensionou num país que, não sendo o seu lhe conferiu ainda mais a sua característica humanitária.

Bayete Zeca!"

DO 1/3/87:3

C. - CABRITISMO

"A peça retrata um meio suburbano, com a pobreza da dieta de muitas famílias no país. Numa das cenas, a referida nora aparece comendo pão e salada, sob olhar faminto de uma velha sogra.

Para os presentes a mensagem foi entendida como cruel.

Mas, esta nora pode ser interpretada como sendo o "cabritismo", que infelizmente continua na moda no país".

DE 25/12/96:3

D. - CANDONGA

"Um dos objectivos centrais da nova política de preços é o de fazer baixar os preços do mercado paralelo (mais conhecido, entre nós, por candonga)".

DO 1/2/87:2

"O governo está consciente, pois, de que não vamos nem a curto nem a médio prazos conseguir acabar com a candonga. O que podemos conseguir é forçar o candongueiro a refrear a ganância e praticar preços acessíveis".

DO 1/2/87:2

"Não nos propomos fazer aqui e agora, a explicação do gasto em salários injustamente pagos aos componentes da brigada de calaceiros (novo tipo de candongueiros) simplesmente porque os respectivos responsáveis (?) não se deram ao cuidado de medir a tarefa, ou não souberam fazê-lo".

DO 22/2/87:2

"Em Mavalane pão não falta mas o preço é de candonga".

DO 11/10/87:2

"Em Maputo, há muito que não se faz sentir a falta de pão, mercê da sua colocação à disposição do público, a

qualquer hora do dia, por aqueles indivíduos que outro nome não merecem senão o de candongueiros".

DO 11/10/87:2

"Fazendo minhas as palavras de Craveirinha, "nos hospitais e nas escolas, mesmo à candonga", que se organizem exposições para não crescermos coxos de cabeça, ou seja, mutilados culturais".

DO 11/10/87:3

E. - CAPULANA

"Chorar Machel com uma capulana".

DO 24/5/87:2

" "Choro Machel" é o nome que as mulheres de Maputo deram à primeira remessa de capulanas produzidas depois da tragédia de Mbuzini, pela TEXLOM, para os familiares das vítimas".

DO 24/5/87:2

F. - CHIMA

"E o resmungar favorável dos velhotes no fundo das barracas devorando pratos inumeráveis de "chima" com carne sem osso".

DO 8/3/87:2

G. - DUMBA-NENGUE

"Sendo a oferta maior que a procura, quem quer que seja pode adquirir o pão, à hora do seu belo prazer, nas esquinas denominadas "dumba-nengue".

DO 11/10/87:2

Resposta: "Se o senhor não concorda comigo, venha cá na sexta-feira comprar o pão aqui no "dumba-nengue" e depois vai compará-lo com o da cooperativa..."

Sabe, levantamos o pão muito cedo e às vezes (somos) surpreendidos.

Pergunta: Por quem?

Resposta: Um dia, por aí cinco horas da manhã apareceu um senhor que disse ser o director da GOAM e estava de serviço. Mas saímos com o pão sem que esse senhor se apercebesse do jogo.

Pergunta: Onde é que isso se passou?

Resposta: Na padaria "Bom Pão".

Pergunta: E lá, com quem devo falar para também passar a...

Resposta: Ó páaaa... ava milici... (um alerta de aparecimento de milicianos)¹⁵.

A seguir a este alerta assistiu-se a uma correria, repentina, semelhante à dos ratos".

DO 11/10/87:2

"Essa comida volta de novo para Maputo, onde é posta à venda nos dumba-nengues".

DM 11/4/1996:3

H. - KAVELAVELA

"... ileso se tivermos em linha de conta que não se podia considerar má sorte propriamente dita o facto de metade da lâmina afiada de uma "kavelavela" (faca) ter-lhe

¹⁵Força para-militar também designada miliciana.

penetrado no braço, cuja mão era mais ousada em toda extensão do corpo de Mwana Khárina".

DO 8/3/87:2

I. - LOBOLO

"No lobolo tua libertação é mais uma vez posta em causa".

DO 1/2/87:3

- "Bom... eu sou casado, como também sabes, desde 1981, mas não fui à Conservatória nenhuma oficializar esse casamento. Foi simples amor ardente que até hoje continua imortal que me levou a seguir uma série de trâmites familiares que nos conduzissem a uma união e formámos uma família.

Gratificamos ou lobolámos (tudo dá na mesma coisa), por uma soma nada pequena.

Mas não é nada disto de dinheiro que me dói".

DO 31/5/87:2

J.- MACHAMBA

"Logo na entrada, apreciei a vistosa machamba em volta da escola".

DO 7/6/87:2

"Era Faustino, à margem dos seus irmãos mais velhos, que decidia sobre o gado e sobre os produtos das machambas da família, coordenando, claro, com o pai".

DO 19/7/87:2

"Somos convidados a visitar a aldeia recém-construída. As casas são de pau-a-pique. À volta começam a despontar pequenas machambas de mandioca".

DO 2/8/87:2

"Disse ao pai que estava a pensar mas era em entregar o gado e as machambas ao Povo".

DO 9/8/87:2

"É uma sensação que afinal se torna familiar ao forasteiro, após este aperceber que aquela cidade pode ser comparada a uma ilha em que, no lugar de água a cercar-lhe por todos os lados estendem-se grandes machambas, tocando por vezes o horizonte".

DO 2/6/87:3

"O Conselho Executivo, através dos seus sectores de Hotéis e Pensões, chamou a si a responsabilidade de encetar contactos com os distritos no sentido de se localizarem terrenos com condições para abertura de machambas e criação de animais".

DO 14/3/82:3

K. - MADALA

"De tantos passageiros que desembarcaram, houve um, relativamente idoso, que uma vez fora do autocarro, proporcionou momentos de entretenimento. Um "madala" que por sinal ganhou popularidade pela sua actividade de "caça à cobra" para posterior entrega (dizem que vai vender) à Veterinária".

DO 8/11/87:2

"Supõe-se que o "madala" apanhara o autocarro em Albasini, região da sua origem, segundo insinuaram os comentários".

DO 8/11/87:2

" O "madala" levava consigo um saco, meticulosamente ajeitado, de modo a que não permitisse qualquer vulnerabilidade, ou seja, não permitisse a fuga do seu conteúdo".

DO 8/11/87:2

"- Ó "madala" onde está aquilo? - perguntou um passageiro ainda a bordo do machimbombo".

DO 8/11/87:2

"Está aqui" - respondeu o "madala".

DO 8/11/87:2

L. - MARRABENTA

"A designação de "Orquestra Marrabenta Moçambique" que a empresa promotora do evento, a Movimento, escolheu, foi feliz e é realmente sugestiva, fazendo pensar que se trata de uma banda que pretende levar para terras longínquas a nossa marrabenta".

DO 7/6/87:3

"Assim, e tendo-se comentado muito, - pelo menos nos círculos culturais cá da urbe, - o intenso trabalho preparatório que os artistas efectuaram ao longo de um bom

tempo, algumas pessoas, (e não são poucas como isso), esperavam ver a marrabenta revalorizada".

DO 7/6/87:3

"*mas aquela marrabenta mesmo*", como alguém comentava.

E, infelizmente, isso não aconteceu. Não se pretende afirmar aqui que o grupo "Orquestra Marrabenta Moçambique" tenha desvalorizado a nossa dança".

DO 7/6/87:3

"*Isto pode ser um bom espectáculo, que se pode ou não comparar a de outros agrupamentos africanos, mas de moçambicano, de marrabenta, não tem nada*".

DO 7/6/87:3

"O representante deste povo também não resistiu. Levantou-se e fez roda com um grupo de filhos de música ali mesmo em frente do palco. Dançou. O ritmo era de marrabenta".

DO 19/7/87:3

"Marrabenta só há uma: a de Moçambique".

DO 19/7/87:3

"Outro festival de música que, aliás, foi encerrado com majestade pelo grupo de marrabenta".

DO 16/8/87:2

M. - MILANDO

"Ainda o milando dos feriados".

DM 31 /3/1996:2

N. - MUFANA

"Presume-se que nesta Escola o trabalho académico seja mais minucioso e muito aturado para "mufanas" daquela idade de 7 a 13 anos".

DO 14/6/87:2

"Estes manos embora não tivessem razão para odiar directamente o miúdo, consideravam o pai um tipo cheio de complexos, não entendendo a atitude de discriminação. Porquê ele foi dar poderes a um "mufana" que eles viram a nascer e a crescer?"

DO 19/7/87:2

"Na rua onde vivo, vive também um cão que tem vindo a fazer histórias, principalmente junto dos miúdos do quarteirão.

Latilha que se farta, sempre que dele se aproxima um "mufana" ".

DO 18/1/87:3

O. - NTHIPWE

"Era a grande festa popular alusiva à cerimónia mais sublime dos ritos de iniciação de mulheres.

... Pois de quem fora a culpa? Da lua que iluminava tudo como se não soubesse que "Nthipwe" (dança, festa) não vê família nem nada e ninguém tem o direito de ser de dono!"

DO 8/3/87:2

P. - NYANDAYEYO

"Vim solicitar junto a V. Exa. os bons ofícios no sentido de mandar publicar o meu nyandayeyo".

DE 17/04/1996:14

Q. - PALHAR

"Eu vai também palhar (celebrar missa) no Alvalade"

DESA 8/4/96:2

R. - SURA

"Sem demora, apetrechei a minha sacola de alguns produtos alimentares e os meus cinco litros de sura, sumo de palmeira fermentado".

DO 7/6/87:2

S. - TCHUNGAMOIO

Tchungamoio do Goto - vendedores queixam-se de espancamento pela polícia camarária.

DM 27/4/96:2

"Um grupo de agentes da Polícia Camarária é acusado de ter espancado a vendedores ambulantes concentrados no tchungamoio do Goto".

DM 27/4/96:2

T. - TXOVA-XITADUMA

"Cancelado licenciamento de txova-xitadumas".

DM 25/4/96:2

"A Direcção dos Transportes e Trânsito da Cidade da Beira decidiu pôr termo ao licenciamento de txova-

xitadumas. A medida surge na sequência dos embaraços que tais carrinhas de tracção manual estão a criar, em virtude de serem numerosas".

DM 25/4/96:2

"A proliferação de txova-xitadumas embaraça o trânsito automóvel".

DM 25/4/96:2

"O sector licenciou mais de mil txova-xitadumas.

DM 25/4/96:2

Nota-se, ultimamente, a tendência de muitos cidadãos possuírem txova-xitadumas. Se continuarmos a licenciar mais carrinhas de tracção manual a prática deixará de ser negócio e não haverá espaço para todas elas circularem.

DM 25/4/96:2

"As rodovias não estão só à disposição de txova-xitadumas".

DM 25/4/96:2

U. - XICADJU

"Já chegou o tempo do "marosana", ou seja do xicadju... não deixa de pontuar a sua época, como ilustram exemplarmente estas três senhoras bem carregadas de bidões e garrações cheínhos e odorosos como só aquela excelente bebida na realidade é".

DO

22/2/87:3

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ieda Maria, 1990, Neologismos - Criação Lexical, Ática S.A., São Paulo, 93 páginas.

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter, 1993, Language Contact and Bilingualism, Edward Arnold, London, 213 páginas.

BARBOSA, Jorge Morais, 1969, A Língua Portuguesa no Mundo, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 170 páginas.

BÍBLIA SAGRADA, 1985, ed. Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 12ª edição, Lisboa, 1692 páginas.

CRYSTAL, David, The Cambridge Encyclopedia of Language, University Press, Great Britain, 1995, 472 páginas.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley, 1992, Nova Gramática do Português Contemporâneo, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 734 Páginas.

DUARTE, Ricardo Teixeira, 1976, A Expansão Banto e o Povoamento do Sul de Moçambique - Algumas Hipóteses, s/editor, 14 páginas.

GONÇALVES, Maximiano Augusto, Março de 1968, Questões de linguagem, Fundo de Cultura, Rio de Janeiro - São Paulo, 297 páginas.

JÚNIOR, António A. da Cruz S., s/data, De Algumas Línguas de Moçambique, s/editor, [513] - 543 páginas, extracto de "Congresso Colonial".

LELLO, José & LELLO, Edgar, 1969, Dicionário Prático Ilustrado, Lello & Irmão, Porto, 2023 páginas.

LOPES, Armando Jorge, 1995, The Age of Re-Discovery: The Portuguese Language in Mozambique. In C. Hulet (ed.) Crossroads, vol.4, UCLA.PP 83-7.

LOPES, Armando Jorge, 1997, Política Linguística - princípios e problemas, Livraria Universitária - Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 74 páginas.

MATEUS, Maria Helena Mira, ANDRADE, Amália, VIANA, Maria do Céu, VILLAVA, Alina, 1990, Fonética, Fonologia e Morfologia do Português, Universidade Aberta, Lisboa, 518 páginas.

MAVIMBE, Stélio Timóteo, 1995, O Português de Moçambique no Jornal "O Brado Africano" Dissertação Para a Obtenção do Grau de Licenciatura, Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 73 páginas.

NELIMO, 1988, I Seminário Sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, INDE-UEM, Maputo, 171 páginas..

NGUNGA, A.S.A., 1989, Grammatical Agreement on Bantu Languages: a Case of Yao, Eduardo Mondlane University, Maputo, 12 páginas.

NOGUEIRA, Rogério de Sá, 1959, temas de linguística banta - Apontamentos de Sintaxe Ronga, Junta de investigação do Ultramar - Centro de Estudos Políticos, Lisboa, 185 páginas.

RAPOSO, Eduardo Paiva, 1992, Teoria da Gramática - a faculdade da linguagem, Caminho, Lisboa, 527 páginas.

RIBEIRO, Padre Armando, 1965, Gramática Changana (Tsonga), Marianum Press S.S.P.C. P.O. Box 1011 Kisubi, Uganda, 510 páginas.

SITOE, Bento, 1991, Empréstimos Lexicais do Português no Tsonga, Revista Internacional da Língua Portuguesa nº 5/6. páginas 106 a 113.

VILELA, Mário, 1994, Estudos de Lexicologia do Português, Livraria Almedina, Coimbra, 206 páginas.

VILELA, Mário, 1995, Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática, Livraria Almedina, Coimbra, 287 páginas.

XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena, 1990, Dicionário de Termos Linguísticos (Volumes I), Edições Cosmós, Lisboa, 423 páginas.

XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena, 1992, Dicionário de Termos Linguísticos (Volume II), Edições Cosmos, Lisboa, 438 páginas.